



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril,

Mestrado em Turismo,

Ramo de Gestão Estratégica de Eventos

Dissertação,

Gestão de Multidões em Eventos Desportivos
Casos de Estudo: SL Benfica e Sporting CP,

Telmo André da Silva Moisão

Estoril, Dezembro 2016



Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril,

Mestrado em Turismo,

Ramo de Gestão Estratégica de Eventos

Dissertação,

Gestão de Multidões em Eventos Desportivos

Casos de Estudo: SL Benfica e Sporting CP,

Telmo André da Silva Moisão

Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril para a obtenção do Grau de Mestre, tendo como Júri das Provas a Professora Doutora Maria do Céu Almeida (ESHTE) na qualidade de presidente; o Professor Especialista Paulo Gil Martins (ISEC) na qualidade de arguente; e o Professor Especialista Manuel João Ribeiro (ESHTE) na qualidade de orientador

Estoril, Dezembro 2016

Este texto foi escrito ao abrigo do novo acordo ortográfico

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais e irmão que sempre me apoiaram na decisão de regressar a Portugal para realizar este mestrado. Apesar da distância os vossos incentivos foram muito importantes.

Aos meus tios, avó e amigos próximos, que tão importantes foram para me manter motivado apesar da distância da restante família.

Depois gostaria de agradecer ao meu Orientador, o Dr Manuel Ribeiro, diretor do Serviço Municipal de Proteção Civil de Lisboa, que esteve sempre disponível para me ajudar, e me abriu diversas portas de várias entidades, necessárias à conclusão desta investigação.

Não posso também esquecer a importância dos elementos das equipas do serviço Municipal da Proteção Civil de Lisboa, que tive o prazer de acompanhar aos diversos jogos, com especial destaque para o Arq. Pedro Barbosa e para operacional António Cruz, aos quais tenho de agradecer a simpatia e cordialidade com que me trataram e esclareceram diversos aspetos relacionados com temática em estudo.

Gostaria ainda de agradecer ao Comandante Jorge Fernandes, dos Bombeiros Lisbonenses, ao Sr Vasco Santos, diretor de segurança do SCP, ao Sr Rui Pereira diretor de Segurança do SLB, e ainda ao Comandante Pedro Pinho, da PSP, pelo contributo decisivo que tiveram para a realização deste estudo.

Agradecer ainda às instituições SL Benfica e Sporting CP, por me terem permitido realizar observação nos diversos jogos.

Não posso ainda deixar de agradecer ao meu grande amigo João Almeida, que tendo já realizado um estudo sobre esta temática, sempre se disponibilizou para me ajudar no que precisasse.

Índice geral

Agradecimentos	iii
Índice de figuras	vi
Resumo	vii
Abstract	viii
Lista de abreviaturas	ix
1.Introdução	1
2.Metodologia.....	3
3. Enquadramento Legislativo	8
4.Quadro Teórico	9
4.1 Conceitos Base	9
4.1.1 Evento.....	9
4.1.2 Evento Desportivo.....	10
4.1.3 Gestão do Risco	11
4.1.4 Gestão da Segurança	12
4.1.4.1 Safety	12
4.1.4.2 Security.....	13
4.2 Gestão de Multidões	13
4.2.1 Comportamento das Multidões	14
4.2.2 Fatores de Risco.....	16
4.2.3 Claques Organizadas	20
4.2.4 Dispositivos de Controlo das Multidões	24
4.3 Agentes Intervenientes	31
4.4 Medidas de Prevenção!?!?!	33
5. Histórico de Incidentes na Gestão de Multidões	39
5.1 Episódios Nacionais.....	39
5.2 Episódios Internacionais	43

6.Casos de Estudo	48
6.1 Sport Lisboa e Benfica	48
6.1.2 Observação	48
6.1.3 Dispositivo de chegada adeptos adversários.....	51
6.2 Sporting Clube de Portugal	53
6.2.1 Observação	53
6.2.2 Dispositivo chegada de adeptos adversários.....	55
6.3 Análise Comparativa	57
6.3.1 Plano de Emergência Interna	58
6.3.2 Estrutura Interna	58
6.3.3 Gestão do Evento	59
6.3.4 Acessibilidades	59
7.Considerações Finais	61
7.1 Conclusões	61
7.2 Limitações da investigação	64
7.3 Linhas orientadoras para investigações futuras	65
Referências Bibliográficas	66
Anexos	71

Índice de figuras

Figura 1 - As Etapas do Procediemnto	3
Figura 2 - Adeptos retidos no relvado do Stade de France	19
Figura 3 - Queda de placa da cobertura do Estádio da Luz	20
Figura 4 - Claque No Name Boys.....	22
Figura 5 -Coreografia claques do Sporting CP	24
Figura 6 - Momentos após a queda do varandim	40
Figura 8 - Local atingido pelo Very Light	41
Figura 9 - Incêndio nas bancas do Estádio do SLB.....	42
Figura 10 - Policia dispersa adeptos no Marquês	43
Figura 11 - Confronto entre PSP e adeptos	43
Figura 12 - Jornal da época ilustra o tumulto nas bancadas	44
Figura 13 - Corpos das vítimas nas bancadas	45
Figura 14 – Adeptos italianos esmagados por colapso do muro	45
Figura 15 - Adeptos a escaparem para a bancada superior	46
Figura 16 - Adeptos esmagados contra o gradeamento	46
Figura 17 - Invasão de campo dos adeptos após do fim do jogo	47
Figura 18 - Credencial de acesso do SMPC ao Estádio do SLB.....	50
Figura 19 - Área Circundante Estádio do Sport Lisboa e Benfica	51
Figura 20 - Adeptos do FCP aguardam processo de revista.....	52
Figura 21 - Processo de revista de adeptos do FCP nos vulcões	52
Figura 22 - Entrada "escoltada" dos adeptos do FCP na porta 24	53
Figura 23 - Área circundante Estádio Alvalade XXI.....	55
Figura 24 - Adeptos do SLB aguardam junto ao Instituto Ricardo Jorge.....	56
Figura 25 - Adeptos SLB aguardam em posição intermédia	56
Figura 26 - Adeptos do SLB antes de serem conduzidos à porta 1	57
Figura 27 - Adeptos SLB na entrada da porta 1	57

Resumo

A dissertação intitulada “Gestão das multidões em eventos desportivos – casos de estudo SLB & SCP” pretende estudar os processos e dispositivos de segurança utilizados para realizar uma eficaz gestão de multidões em eventos desportivos, tendo por base a análise dos casos de estudo do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, na organização de jogos de futebol profissional.

A pergunta de partida desta investigação, que servirá como fio condutor de todo o estudo é: “A gestão de multidões em eventos desportivos, nomeadamente ao nível dos jogos de futebol profissional, considerados de risco elevado, é conduzida de forma eficaz?”.

A problemática deste estudo, incidirá, na análise dos dispositivos de segurança postos em prática no decorrer dos eventos desportivos, nomeadamente nos jogos de futebol profissional, numa perspetiva de aferir o contributo dos mesmos para a manutenção da ordem pública, bem como para mitigar a possibilidade da ocorrência de distúrbios e incidentes no desenrolar dos eventos. Os conceitos base da problemática desta investigação serão: gestão do risco, gestão de segurança, safety e security, e gestão de multidões.

Palavras-Chave: Eventos Desportivos; Multidões; Estádios; Segurança; Dispositivos

Abstract

The dissertation entitled "Management of the crowds at sporting events - case SLB & SCP study" aims to study the processes and safety devices used to conduct effective management of crowds at sporting events, based on the analysis of case studies of Sport Lisboa e Benfica and Sporting Clube de Portugal in the organization of professional football games.

The initial question of this research, which will serve as a guide for the entire study is "crowd management in sporting events, in particular the level of professional soccer games, considered high risk, is conducted effectively?".

The problem of this study will focus on the analysis of the safety devices put into practice in the course of sporting events, particularly in professional football games, a perspective of measuring the contribution of the same for the maintenance of public order and to mitigate the possibility the occurrence of disturbances and incidents in the course of events. The basic concepts of the problems of this research are: risk management, security management, safety and security, and crowd management.

Keywords: Sport Events; Crowds; Stadiums; Safety; Devices

Lista de abreviaturas

ANPC – Associação Nacional de Proteção Civil

CCTV - Closed-circuit television system

CML – Câmara Municipal de Lisboa

COMETLIS - Comando Metropolitano de Lisboa da PSP

ISO - International Organization for Standardization

INEM – Instituto Nacional de Emergência Médica

Liga NOS – Campeonato Nacional da 1ª Divisão de Futebol

LPFP – Liga Portuguesa de Futebol Profissional

FCP – Futebol Clube do Porto

FPF – Federação Portuguesa de Futebol

FIFA – Fédération Internationale de Football Association

PSP – Polícia de Segurança Pública

SCP – Sporting Clube de Portugal

SLB – Sport Lisboa e Benfica

UEFA – Union of European Football Associations

UEP – Unidade Especial de Polícia

1.Introdução

O futebol move paixões um pouco por todo o mundo, e em Portugal não é exceção. Essas emoções exacerbadas por vezes levam a comportamentos descontrolados por parte dos espectadores, e com o calor dos jogos, sobretudo daquelas que encerram maior rivalidade, podem levar à ocorrência de distúrbios, degenerando em episódios de violência.

Estes episódios, afetam não só os intervenientes diretos no espetáculo, bem como perturbam a ordem pública. Para que isso seja evitado, ou minimizado ao máximo pois o risco é inerente a este processo, é necessário efetuar uma eficaz gestão de multidões.

Na atualidade o próprio espetáculo desportivo, e no caso vertente, o futebol, é também um fator com cada vez mais implicação turística. Lisboa, cidade onde se localizam os dois clubes que constituem o objeto da presente tese, é uma cidade cada vez mais destino e oferta turística. O acompanhamento pelos adeptos e claques organizadas constituem em si um elemento importante para o turismo, verificando-se, também neste campo, um investimento importante pelas entidades e organismos que gerem o futebol no sentido de garantir um *service* cada vez mais apelativo. Para além dos aspetos colaterais que se prendem com a oferta e disponibilização turística - hotéis, restaurantes, etc, também o conforto em relação aos estádios e, inerentemente, a segurança dos espetadores, tem merecido uma atenção particular pelos gestores desta atividade. Assim, no âmbito deste Mestrado, procura-se uma ligação entre o tema Turismo e a Atividade Desportiva, aqui abordada no domínio da Segurança dos Jogos de Futebol em Lisboa.

Este estudo pretende, assim, mostrar como é realizado o processo de gestão de multidões em Lisboa, posto em prática nos jogos de futebol profissional de risco elevado, nomeadamente nos jogos realizados no estádio do Sport Lisboa e Benfica e no estádio Alvalade XXI.

A fim de analisar esse processo, este trabalho parte da pergunta inicial “*A gestão de multidões em eventos desportivos, nomeadamente ao nível dos*

jogos de futebol profissional, considerados de risco elevado, é conduzida de forma eficaz?”, e tem como objetivos principais:

- Analisar a eficácia dos modelos implementados de controlo de multidões;
- Identificar os meios à disposição das instituições (SLB e SCP) para a gestão de multidões;
- Identificar todos os agentes envolvidos no processo de gestão de multidões;

Ao longo desta tese é apresentada uma contextualização tanto a nível nacional como internacional, desde legislação em vigor, até episódios de incidentes ocorridos no passado, por forma a enquadrar e ajudar a perceber a importância desta temática.

Este trabalho terá como casos de estudo, a observação de diversos jogos, tanto para competições nacionais como internacionais, disputados no Estádio do Sport Lisboa e Benfica (SLB) e no estádio do Sporting Clube de Portugal (SCP), no decorrer da época desportiva 2015/2016. É ainda assente em entrevistas aos representantes das principais entidades envolvidas no processo de gestão de multidões, dos jogos realizados nos recintos dos dois grandes emblemas da capital portuguesa. A saber: Polícia de Segurança Pública, Bombeiros Lisbonenses, Serviço Municipal de Proteção Civil, e direção de segurança de SLB e SCP.

2. Metodologia

A metodologia seguida na condução deste estudo seguiu o modelo proposto por Quivy & Campenhoudt (2013) “As Etapas do Procedimento”.

Este estudo teve como um dos pontos de partida a Dissertação de Mestrado “O Controlo de Multidões e os seus intervenientes na Segurança dos Estádios” (Almeida, J. 2013).

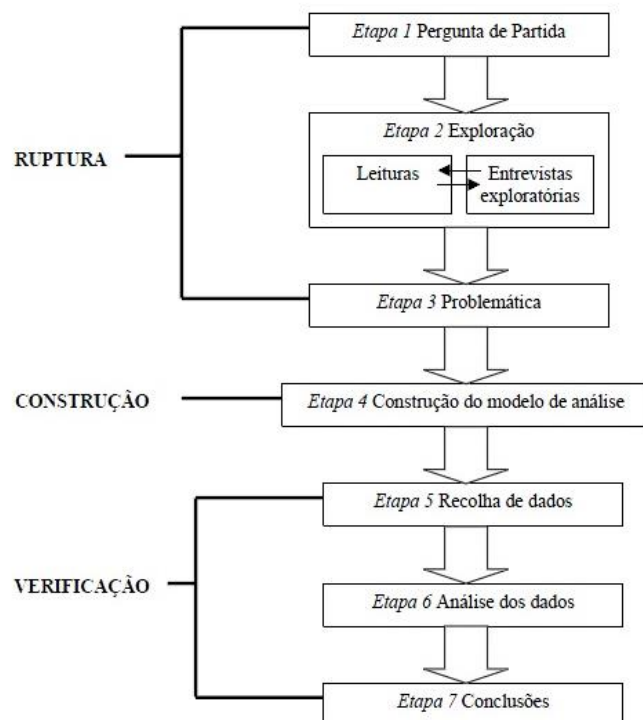


Figura 1 - As Etapas do Procedimento (Quivy & Campenhoudt, 2013)

Na 1ª Etapa, foi formulada **pergunta de partida** que serviu de fio condutor para toda a investigação, neste caso: “A *gestão de multidões em eventos desportivos, nomeadamente ao nível dos jogos de futebol profissional, considerados de risco elevado, é conduzida de forma eficaz?*”.

Na 2ª Etapa, na fase da **exploração**, ocorreu a revisão de literatura associada à temática da investigação, com o levantamento dos principais autores especialistas na matéria. Esta fase seria igualmente composta por entrevistas exploratórias aos diretores de segurança do SL Benfica e do Sporting CP, como entidades com profundo conhecimento da matéria em causa, por forma a permitir “revelar determinados aspetos do fenómeno estudado em que o

investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim completar pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (Quivy,2013,p.69).

Na 3ªEtapa, surge a definição da **problemática**. Segundo Quivy (2013), a problemática mais não é que a abordagem que decidimos adotar para tratarmos o problema formulado pela pergunta de partida.

A presente investigação pretende analisar e averiguar a capacidade de resposta, e conseqüentemente a eficácia dos modelos de controlo de multidões aplicados nalguns dos principais estádios de futebol em Portugal.

Deste modo a problemática adotada nesta investigação, incide na análise dos dispositivos de segurança postos em prática no decorrer dos eventos desportivos, mais especificamente nos jogos de futebol profissional, na perspetiva de aferir a sua capacidade para a manutenção da ordem pública, bem como para mitigar a possibilidade da ocorrência de distúrbios no decorrer dos mesmos. Os conceitos chave desta problemática são: gestão do risco, gestão de segurança, *safety* e *security*, e gestão de multidões.

Na 4ª etapa, foi realizada a **construção do modelo de análise**. Segundo Quivy (2013), o objeto desta fase é traduzir, as perspetivas e ideias novas, numa linguagem e em formas que as habilitem a conduzir o trabalho sistemático de recolha e análise de dados de observação.

Para conduzir com ordem e rigor o trabalho de investigação surge como necessidade a formulação de determinadas hipóteses de trabalho, pois a hipótese, não só, “traduz, por definição, este espírito de descoberta que caracteriza qualquer trabalho científico” como também “fornece à investigação um fio condutor”, pois “o seguimento do trabalho consistirá, de facto, em testar as hipóteses confrontando-as com dados de observação” (Quivy,2013,p.119).

Deste modo foram formuladas as seguintes hipótese para esta investigação:

Hipótese 1:Os eventos desportivos, mais concretamente os jogos de futebol profissional, são, por si só, foco potencial de desordem pública.

Por norma, uma elevada (dezenas de milhares) concentração de pessoas, seja qual for o contexto, tem um efeito multiplicador do risco de incidentes. E

quando temos essas dezenas de milhares de pessoas, confinadas num espaço durante 90 minutos, a assistir a um espetáculo com uma elevada carga emocional associada, como um jogo de futebol? As especificidades de um jogo de futebol levam muitas vezes a comportamentos imprevisíveis por parte dos adeptos que precisam de ser acautelados, para que não se propaguem e resultem em incidentes de maior gravidade. É por isso importante perceber, com este estudo, até que ponto este tipo de espetáculo desportivo, funciona como “rastilho” para incidentes que perturbem a ordem pública.

Hipótese 2: As falhas nos dispositivos de gestão de multidões potenciam a ocorrência de confrontos e incidentes envolvendo adeptos.

Hall et al. (2009) afirmam que a gestão de segurança eficaz é imperativa em grandes eventos desportivos, com muitos espectadores, pois existe a possibilidade de mortes em massa. É por isso importante aferir até que ponto estas falhas provocam incidentes, e qual a gravidade das mesmas, pois diferentes falhas terão diferentes consequências.

Hipótese 3: Os principais clubes portugueses (SLB e SCP) possuem dispositivos para proceder a uma eficaz gestão de multidões.

O SLB e o SCP são os 2 clubes portugueses com maior representatividade em termos de adeptos, para além de possuírem dois dos três estádios com maior capacidade para receber espectadores. Desta forma, é fundamental que estejam preparados para gerir multidões de dezenas de milhares de fervorosos adeptos desejosos de ver a sua equipa ganhar. Estes dois clubes possuem ainda um fator particular que é necessário ter em conta, e que reforça ainda mais a necessidade de possuírem dispositivos eficazes, os seus estádios encontram-se separados por poucos quilómetros, e os seus adeptos, também por isso, alimentam uma rivalidade histórica com mais de 100 anos.

Na 5ª etapa, da **observação**, foram realizadas entrevistas semi-diretivas aos principais agentes envolvidos na organização de um evento desportivo, no caso desta investigação de um jogo do Campeonato Nacional de Futebol (Liga NOS) e de um jogo das Competições Europeias (UEFA *Champions League* e UEFA *Europa League*). Nesta fase a investigação teve por objetivo entrevistar um representante das seguintes entidades: Organizador (SLB e SCP); Polícia

de Segurança Pública; Proteção Civil e Bombeiros. Estas entrevistas pretendem-se semi-diretivas “no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas” em que o entrevistado possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier (Quivy,2013).

De forma complementar foram realizadas, no decorrer desta investigação ações de observação direta em jogos da Liga NOS e das Competições Europeias da UEFA, a decorrerem nos Estádios do Sport Lisboa e Benfica e Alvalade Séc.XXI. Estas observações tiveram por objetivo captar “os comportamentos no momento em que eles se reproduzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy,2013,p.196). Desta forma é possível observar a aplicação prática dos sistemas de segurança e controlo de multidões por parte das duas instituições utilizados como caso de estudo para esta investigação.

Na Etapa 6, procedeu-se a **análise das informações** recolhidas aquando da etapa de observação. Para Quivy (2013), o primeiro objetivo é assim a verificação empírica das hipóteses formuladas. Essa verificação é feita através da confrontação com o modelo de análise previamente estabelecido (etapa 4). Esta etapa tem, ainda, como segundo objetivo “interpretar factos inesperados e rever ou afinar as hipóteses” (Quivy 2013,p.221), tornando assim possível que o investigador, nas conclusões do trabalho, possa sugerir melhoramentos do seu modelo de análise ou indicar caminhos para investigações futuras.

Nesta fase da investigação foram analisadas todas as informações recolhidas nas entrevistas aos representantes de cada grupo de agentes envolvidos, no processo de gestão de segurança dos eventos desportivos; das sessões de observação direta realizadas em alguns jogos das equipas profissionais do SLB e do SCP, bem como da análise documental recolhidas junto das instituições competentes.

Por fim, na Etapa 7, são apresentadas as **conclusões** desta investigação. Por norma a conclusão de um trabalho de investigação inclui três partes: retrospectiva das grandes linhas do procedimento, novos contributos para os conhecimentos e perspetivas práticas (Quivy,2013).

Serão ainda incluídas nesta etapa do procedimento, as limitações com que se deparou o investigador no decorrer da investigação, bem como linhas de orientação futura para novos estudos.

3. Enquadramento Legislativo

O processo de gestão de multidões, está assente numa série de normas e legislação que enquadra todos os aspetos a ter em conta a fim de garantir a segurança de todos os intervenientes no fenómeno desportivo. Seguidamente passo a enumerar os documentos que serviram de base de suporte para a realização deste estudo:

- *Taylor Report (1990)*
- *FIFA Stadium Safety and Security Regulations (2010)*
- *FIFA Stadiums – Technical recommendations and requirements (2011)*
- *UEFA Safety and Security Regulations (2006)*
- *UEFA Stadium Infrastructure Regulations (2010)*
- Lei 52/2013, de 25 de julho – Regime Jurídico do Combate à Violência, Racismo, Xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos, por forma a possibilitar a realização dos mesmos em segurança.

4.Quadro Teórico

4.1 Conceitos Base

4.1.1 Evento

O conceito de evento não está perfeitamente delimitado e definido, não sendo o seu significado consensual, sendo assim alvo de diferentes interpretações que variam de autor para autor.

“Os eventos são acontecimentos efêmeros promovidos por qualquer tipo de empresas, organismos e instituições, organizados para comemorar uma data, para divertimento dos participantes ou por qualquer outra razão relacionada com a sua vida, a vida das empresas, a vida das cidades ou a vida de uma comunidade local, regional ou nacional.” (Vieira, 2015, p.18).

Segundo Beni (1998), eventos são acontecimentos programados visando a divulgação, a comercialização e o desenvolvimento de atividades científicas, culturais, desportivas, assistências, etc.

De acordo com Martin (2014), citando Canton (1999) um evento “é a soma das ações previamente planeadas com o objetivo de alcançar resultados pré-definidos junto do seu público-alvo”. Ainda segundo a mesma autora (Martin, 2014), podemos dividir um evento em 3 fases: Pré-evento, Evento e Pós-Evento.

Transpondo estas fases para a área da segurança de um evento, teremos na 1ª fase, o planeamento de todas as medidas e dispositivos a serem postos em prática, de acordo com a especificidade do evento. Na 2ª fase, é a transposição para a prática dessas mesmas medidas, e na 3ª fase a análise dos acontecimentos ocorridos durante o evento, bem como a avaliação da eficiência dos dispositivos postos em prática. De salientar que, na componente da segurança, a fase do evento prolonga-se no tempo, desde o início da sua preparação até que todos os espectadores abandonem as imediações do recinto do evento, como iremos ver mais à frente neste estudo.

Mesmo não existindo uma definição, ampla e consensual para o conceito de evento, é possível distinguir uma série de características particulares que os tornam únicos. Para os autores Shone e Parry, (2010) essas características

são: a singularidade, perecibilidade, intensidade de trabalho, calendário fixo, intangibilidade, interação e contacto pessoal, ambiente e ritual ou cerimónia

Os eventos não acontecem por acaso, sejam eles culturais, sociais, económicos, políticos, desportivos ou ambientais, estão sempre relacionados com uma determinada área da vida do ser humano. Talvez seja esse o principal aspeto que os leva a atingir a popularidade, a obter apoios e a crescer.

4.1.2 Evento Desportivo

Atualmente, existem variadíssimas tipologias de eventos. Uma dessas tipologias, e uma das que atrai mais multidões, são os eventos desportivos.

O Desporto faz parte do dia-a-dia das sociedades, sofrendo constantes influências das megas tendências sociais que a cada momento histórico vão podendo ser identificáveis e que atualmente enumeramos como: Negócio, Educação, Saúde, Espetáculo, Tecnologia, Qualidade de vida e Preocupações Sociais (Sarmiento et al. 2011)

De acordo com Poit (2013), os eventos desportivos são acontecimentos previamente planeados, com um perfil que transcende o desportivo, alcançando também uma dimensão cultural e social. Com objetivos previamente estabelecidos, entre os quais a interação entre os participantes, público, personalidades e entidades.

A dimensão cultural e social dos eventos desportivos, é perfeitamente identificável nos casos de estudo desta investigação, nomeadamente nos jogos de futebol em que se confrontam equipas rivais, como milhares de fervorosos seguidores a apoiar. Estas partidas têm grande implicação social, uma vez que “afetam” uma importante fatia da população da região ou do país.

Para Correia (2001), os eventos desportivos são fundamentalmente experiências subjetivas, de difícil mensuração, onde os praticantes e os espectadores são parte integrante do conhecimento.

4.1.3 Gestão do Risco

Segundo a norma ISO 31000:2009, gestão do risco é definida por *“atividades coordenadas para dirigir e controlar uma organização no que diz respeito ao risco”*¹.

Os riscos que afetam as organizações podem ter consequências em termos de desempenho económico e reputação profissional, bem como do meio ambiente, segurança e resultados sociais. Desta forma, a gestão do risco ajuda efetivamente as organizações a uma boa execução num ambiente cheio de incertezas.

Ao nível dos eventos, segundo Appenzeller (2004) o risco pode mesmo significar um falhanço do ponto de vista de não preenchimento das expectativas do espectador ou participante, ou simplesmente o facto de que eles não retiraram qualquer diversão/satisfação da experiência. Nestes casos, o evento não foi bem-sucedido, provavelmente ocorrendo perdas financeiras, e consequentemente o evento não será suportado no futuro.

A primeira etapa do processo de gestão de riscos em eventos é a respetiva identificação, que pode ser levada a cabo recorrendo a algumas das seguintes técnicas (Fernandes,2012):

- Estruturar o evento detalhando-o o mais possível.
- Realizar testes e provas prévias.
- Separar os riscos internos (decorrentes do planeamento e implementação) dos externos (tudo o que é originado fora do âmbito da organização do evento).
- Considerar as causas e os impactos dos riscos.
- Analisar relatórios de incidentes em eventos anteriores de forma a criar perfis de riscos.
- Estabelecer planos de emergência.
- Trabalhar com as equipas a probabilidade de ocorrência de determinados cenários.
- Consultar todas as partes envolvidas na cadeia de valor.

¹ Tradução livre a partir do original em inglês

Subsequentemente à identificação do risco temos as etapas de análise e tratamento do risco.

4.1.4 Gestão da Segurança

Nesta problemática um conceito fundamental a ter em conta é o de gestão de segurança. Segundo Cunha (2007), “gerir segurança é gerir o risco, fazendo com que ele ocorra a níveis mínimos de expressão prevenindo o acidente, tentando evitar que este aconteça”, é ainda referido pelo mesmo autor que tal é conseguido “definindo comportamentos corretos ou adequados a ter, bem como os de risco a evitar”.

É através da coordenação dos vários agentes envolvidos no processo de gestão de segurança que é possível, delinear, coordenar e pôr em prática dispositivos de controlo de multidões de milhares de espectadores.

Segundo o manual da FIFA – *Safety and Regulations* (2010), as equipas de Gestão de Segurança dos estádios, em conjunto com as entidades competentes devem definir planos de contingência para os seguintes cenários:

- Incêndio;
- Ataque Terrorista
- Edifícios e serviços
- Falhas dos equipamentos de *Safety*
- Controlo de Multidões
- Evacuação de Emergência
- Condições Meteorológicas adversas
- Desastres Naturais
- Adiamento, suspensão ou cancelamento do jogo.

Importa ainda distinguir, no conceito de segurança, duas vertentes *Safety* e *Security*

4.1.4.1 Safety

Safety, segundo Sousa (2015), traduz-se em segurança, estando esta relacionada com a saúde, integridade física, proteção de perigos, ou ausência de riscos provocados por condições inseguras. Abrange todos os

comportamentos e atividades que se referem à manutenção a integridade física das pessoas. (Cunha,2007)

4.1.4.2 Security

Security, traduz-se também em segurança, mas, está relacionada com a segurança do património, segurança pessoal, a nível militar, ou até mesmo com a soberania/estabilidade nacional. (Sousa,2015)

4.2 Gestão de Multidões

“A Gestão de multidões requer sempre estar preparado para o pior” (*Frank E. Russo, Jr.*)²

O fenómeno da gestão de multidões, relacionados com eventos desportivos, torna-se particularmente pertinente de ser estudado, se tivermos em conta alguns episódios que ocorreram no passado e ficaram gravados na memória coletiva pelas piores razões. Recordemos a tragédia de Heysel Park,1985, onde, na final da Taça dos Campeões Europeus entre Juventus e Liverpool, faleceram 39 adeptos esmagados e 117 ficaram feridos, após os *hooligans*³ ingleses invadirem a bancada destinada aos adeptos italianos. Outro episódio em 2012, Port Said (Egipto),centenas de adeptos invadiram o relvado após a vitória do Al-Masry sobre o Al-Ahly provocando confrontos que causaram 74 mortes e mais de mil feridos. Mais recentemente nos festejos do 34º campeonato nacional do SLB nas ruas de Lisboa, registaram-se graves incidentes entre adeptos e força de segurança felizmente sem que se registassem vítimas. Existem vários outros exemplos, espalhados um pouco por todo o globo, de episódios em que o controlo de multidões não foi o mais correto ou eficaz, por diversos motivos, e que provocaram a perda de vítimas humanas e danos materiais.

Desta forma, quando se trata de gestão de multidões devemos sempre estar preparados para o pior cenário. E os eventos desportivos não fogem a essa lógica pois são atividades de risco, pelo facto de colocarem as pessoas em

² Vice-presidente sênior Global Spectrum, mais de 30 anos de experiência na indústria

³ Termo anglo-saxónico, utilizado para identificar os adeptos britânicos causadores de distúrbios. “A young person who behaves in an extremely noisy and violent way in public, usually in a group”,in OXFORD ADVANCED LEARNER'S DICTIONARY

situação de confronto, movimento, de festa, alegria, êxtase, euforia e podendo, assim, gerar situações de confronto e conflito entre espectadores.

O desporto exige, assim, uma gestão de segurança adequada às suas especificidades, e é isso que irá ser analisado no decorrer desta investigação.

4.2.1 Comportamento das Multidões

Segundo o Manual de Policiamento em Espetáculos Públicos (PMESP,1998), o espectador quando integrado numa multidão, tem tendência a deixar de raciocinar e a agir como individuo isolado, passando a reagir na proporção em que essa mesma massa reage. Neste ambiente, o espectador sofre influências de fatores psicológicos que o levam a reagir agressivamente e até violentamente a certos estímulos muitas vezes insignificantes.

Marivoet (2009) refere que, como uma enorme variedade de estudos têm vindo a concluir, as rivalidades que se produzem no seio das subculturas de adeptos de futebol encontram-se enraizadas em contextos culturais e históricos dos diferentes países, transportando nos diversos casos uma ‘história’ de provocação e luta sistemática. Igualmente a presença de membros de extrema direita, associada a comportamentos de nacionalismo exacerbado, xenofobia e racismo, potencia a ocorrência desses episódios de confrontação e violência. No caso concreto do desporto português, em especial nos jogos de futebol, a ocorrência de casos de violência indicia um aumento de tensão dos jogos devido a uma maior intensidade da competição desportiva, e também do agravamento das desconfianças em torno da justiça dos resultados. Neste contexto, a exaltação dos ânimos tem, com alguma frequência, gerado manifestações de violência.

Segundo Madensen e Eck (2008),as formas de violência entre espectadores podem ocorrer tanto no próprio local do evento (*venue*) ou nas zonas circundantes do mesmo. A violência pode ocorrer entre os seguintes intervenientes:

- Dois ou mais espectadores, ou grupos de espectadores;
- Espectadores e intervenientes (Treinadores, árbitros, jogadores, etc)

- Espectadores e pessoal do recinto (Seguranças e trabalhadores no geral)
- Espectadores e o recinto (*venue*) – violência contra estruturas físicas e propriedades, permanentes ou temporárias, presentes durante o evento.

Podemos assim verificar que a interação entre os diversos agentes envolvidos no processo de gestão de multidões está fortemente relacionada com a possibilidade da ocorrência de desordem ou incidentes.

Diversas observações em 78 jogos de futebol, considerados como de risco elevado na Holanda (Adang, 1990,1998), demonstraram que tanto a interação entre grupos de adeptos rivais, bem como a interação dos adeptos e da polícia são decisivas para entender o início e a propagação da violência no futebol. Ficou ainda demonstrado que os alvos da violência não eram selecionados de forma aleatória. Este estudo revelou que o comportamento de “desordem” das multidões estava associado a uma identidade social partilhada, como é facilmente identificável no caso das claques organizadas. (Stott,2006)

Esta violência das multidões pode geralmente ser caracterizada como espontânea ou organizada (O’Reilly, 1999). É importante efetuar esta distinção uma vez que diferentes tipos de violência, requerem diferentes tipos de soluções.

Embora a maioria dos autores concorde que existam duas subculturas de adeptos distintas no futebol – a *hooligan/casual*, de origem inglesa, predominante no Norte da Europa, e a *ultra*, de origem italiana, comum nos países do Sul, com diferentes formas de organização, com comportamentos esperados e formas de violência típicas, o uso do termo ‘*hooliganismo*’ é vulgarmente utilizado para descrever episódios de violência provocada por adeptos de futebol. (Marivoet,2009)

Esta utilização generalizada do termo *hooliganismo*, acaba por ser abusiva e pouco precisa, uma vez que os comportamentos violentos no futebol não se encontram circunscritos aos membros das duas subculturas de origem europeia, continuando uma boa parte da violência a ser protagonizada pelos adeptos ‘tradicionais’ (no sentido de não se integrarem nas novas subculturas

de adeptos *hooligan/casual* ou *ultra*) das diferentes sociedades, tal como várias investigações têm vindo a concluir. (Lassalle 1997, Dunning *et al.* 2002, Marivoet 1989 , 1992a, 1999, 2002a/b e 2007).

4.2.2 Fatores de Risco

De uma forma geral, segundo Fernandes (2012), as principais áreas sujeitas a risco num evento, são:

- Recursos Humanos: a gestão do evento deve minimizar toda e qualquer possibilidade de risco a ocorrer com os Colaboradores;
- Venda de bilhetes: envolve risco na medida em que obriga a lidar com valores e sistemas de comunicação;
- Marketing e Relações Públicas: quem promove deve ter em conta os princípios de verdade e respeito pelo potencial participante;
- Saúde e Segurança: estabelecimento de planos de prevenção de danos humanos e materiais, cumprimento da legislação no que concerne a políticas de higiene e segurança e respeito pelos princípios de responsabilidade social corporativa;
- Catering: risco em refeições;
- Gestão de multidões: aspetos diretamente relacionados com segurança e logística;
- Transportes: entrega e recolha de passageiros envolvem riscos especiais.

No caso específico dos eventos desportivos, e nomeadamente nos jogos de futebol profissional, vários são os fatores que podem colocar em risco a realização dos mesmos.

Esses fatores podem estar diretamente ligados ao contexto desportivo, quer sejam questões mais técnicas relacionadas com a organização do jogo ou com o ambiente de rivalidade que envolve o jogo. Podem, por outro lado, tratar-se de questões mais abrangentes da sociedade contemporânea, que se refletem no fenómeno desportivo, ou ainda fatores ambientais, uma vez que o futebol, salvo raras exceções, sendo uma modalidade praticada ao ar livre, está sujeito a questões climatéricas que podem ser adversas à sua prática.

Seguidamente são apresentados alguns fatores que podem perturbar o normal desenrolar de um jogo de futebol profissional:

- Sobrelotação

Como será abordado de forma mais detalhada no ponto 2.2.4, referente aos dispositivos de controlo das multidões, um dos aspetos de maior foco em termos de gestão de segurança num jogo de futebol profissional é o controlo da entrada de adeptos no recinto do evento.

Esse controlo é tão mais fundamental, pois é o que impede que entre uma quantidade de adeptos numa determinada área, superior aquela que a mesma comporta.

Como pode ser constatado no ponto 3 deste estudo, algumas das maiores tragédias nos estádios de futebol pelo mundo fora, ocorreram devido a problemas de deficiente controlo de entradas no recinto provocando sobrelotação de espectadores nas bancadas, levando à perda de várias vidas, e ao ferimento de inúmeros adeptos.

Hall (2010), refere mesmo que “de entre as causas apontadas para estes desastres, citadas nos inúmeros relatórios de investigação e pesquisas realizadas, estão questões afetas à falta de estrutura física adequada para comportar a grande quantidade de público presente, a superlotação dos estádios e o comportamento violento de alguns adeptos”.

- Media

Nos dias que correm os meios de comunicação social são um veículo poderoso de divulgação de informação, de mensagens, de tendências. No desporto em geral, e no futebol em particular, por vezes os *media* amplificam discursos inflamados por rivalidades exacerbadas que têm um efeito potenciador de gerar comportamentos violentos entre os adeptos dos diferentes clubes.

Quando esses comportamentos violentos se verificam pontualmente, sobretudo no seio das claques organizadas, existe por parte dos *media* uma tendência para a generalização como afirma a socióloga Heloísa Reis (2013), “mas tem uma questão muito importante em relação à vinculação de indivíduos muito

violentos às claquas organizadas, que é o fato dos media contribuírem analisando as claquas organizadas exclusivamente como grupos de marginais violentos, o que atrai jovens violentos para dentro das claquas. E como essas organizações não fazem um bom controle acaba resultando com que dentro das mesmas se unam pessoas que tenham gosto pela violência. É interessante também perceber que esse movimento aconteceu igualmente com a imprensa britânica nos anos 60 e 70. É por isso que nos anos 80 surge um número muito grande de *hooligans* em torno do futebol britânico.”

- Dirigentes

Uma forma dos *media* contribuírem negativamente para o fenómeno desportivo, potenciando o risco da sua realização, é dando amplitude a determinadas afirmações dos dirigentes desportivos.

O discurso dos dirigentes dos clubes, muitas vezes exacerbado pelas rivalidades próprias do futebol, outras vezes tentando justificar maus resultados, é um fator potenciador de violência no futebol. Consequentemente, este é um comportamento passível de colocar em risco os intervenientes envolvidos num jogo de futebol profissional. Este é um cenário recorrente no futebol português.

- Terrorismo

O terrorismo não é um problema que afete o desporto em geral, ou o futebol em particular, é um problema transversal a toda a sociedade.

Os eventos desportivos são potencialmente um alvo apetecível para ataques terroristas, pois têm a capacidade de juntar grandes multidões, existindo a probabilidade de causar muitas vítimas.

Um dos primeiros episódios de terrorismo associados ao desporto foi nos Jogos Olímpicos de Munique, em 1972, em que o grupo palestino *Black September* invadiu a aldeia olímpica sequestrando e assassinando 11 elementos da comitiva israelita e ainda um polícia alemão, depois de 16 horas de sequestro.

Foi também responsabilidade do terrorismo, a mudança do emblemático Rally Dakar do continente africano para a América do Sul, devido ao cancelamento da edição de 2008 por falta de condições de segurança para a realização da prova.

O episódio mais recente, de terrorismo envolvendo o desporto, ocorreu na noite negra de 13 de novembro de 2015 em Paris, em que uma série de ataques concertados vitimou 129 pessoas, 3 delas nas imediações do *Stade de France*, vítimas de bombistas suicidas que tinham como objetivo entrarem no estádio e fazer-se explodir em plenas bancadas.



Figura 2 - Adeptos retidos no relvado do Stade de France – Foto: Franck Fife / AFP / Getty

- Condições metereológicas extremas

O futebol é um desporto disputado ao ar livre, em que a maioria dos campeonatos europeus são disputados entre o final de mês de agosto e o início do mês de maio. Desta forma é uma modalidade em que é particularmente importante ter em atenção as condições meteorológicas, visto as mesmas poderem contribuir para um aumento significativo do nível de risco, chegando mesmo a por em causa a realização dos jogos.

Um dos episódios em que ficou bem marcada a influência das condições climáticas num jogo de futebol, e logo de risco elevado, foi no *derby* da cidade de Lisboa, SL Benfica- Sporting CP, respeitante à época 2013/14, em que devido às fortes rajadas de vento que se faziam sentir, algumas placas da cobertura do estádio da Luz cederam e caíram para o interior do estádio. Este episódio ocorreu poucos minutos antes de o jogo se iniciar, e motivou o seu adiamento, devido a não estarem reunidas todas as condições de segurança.



Figura 3 - Queda de placa da cobertura do Estádio da Luz – FOTO: Paulo Calado/RECORD

4.2.3 Claques Organizadas

Não raras vezes, associado a episódios de violência no desporto, e sobretudo no futebol, surge o fenómeno das claques organizadas. Segundo Marivoet (1992), contrariamente ao que sucedeu sobretudo na Bélgica, Holanda e Alemanha, o aparecimento das claques em Portugal, não teve a ver com processos de resistência e vingança, estando marcado pela componente espetáculo e ambiente festivo no apoio à sua equipa.

O fenómeno tem início na década de 70, mais concretamente em 1976, por um conjunto de adeptos do Sporting Clube de Portugal, que iniciaram o hábito de assistir em conjunto aos jogos do seu clube, segundo estes por influência de estudantes regressados do exílio-político no Brasil, no pós 25 de Abril. Num primeiro período, as claques estruturam-se sem que houvesse uma grande preocupação com reconhecimento oficial por parte das direções dos clubes apoiados, num segundo período, institucionalizaram-se com reconhecimento oficial pelos respetivos clubes, a Juventude Leonina (SCP), os Diabos Vermelhos (SLB), os Dragões Azuis (FCP) e as Panteras Negras (BFC). A forte ligação entre as claques e as respetivas direções, fez com que as mesmas começassem mesmo a participar em campanhas eleitorais dos clubes, facto esse que levou a cisões, e ao surgimento de mais claques, com o auge a acontecer por volta de 1984/85, altura em que estas falanges de apoio conseguiram reunir o maior nº de jovens.

No entanto, algumas claques não conseguem fugir à má imagem que lhes foi atribuída, sendo sobretudo nestas que se regista um endurecimento dos atos e

comportamentos, cada vez mais apostados em confrontar aqueles que os desaprovam (Marivoet,1992).

Na década de noventa as claques em Portugal passaram a assumir-se como portadoras da subcultura ultra. Contrariamente à subcultura *hooligan*, que adotou no final dos anos setenta um *look casual* e com um comportamento mais discreto, e apostado sobretudo na premeditação dos atos de violência, os *ultras* “apostam fortemente na identificação exterior, envergando vestuário, que comercializam, com as designações das suas organizações (em especial, os cachecóis), com ou sem a designação ‘*ultra*’ ou da marca comercializada de nome ‘*hooligan*’, ou mesmo as insígnias do clube de pertença. No ambiente de excitação e de paródia com que assistem aos jogos, investem numa imagem ‘*dura*’, por vezes ritualizada nos efeitos de ‘*movimentação*’ ou de ‘*mosh*’, ou mesmo nos efeitos sonoros e visuais da detonação de engenhos pirotécnicos”. (Marivoet,2009)

4.2.3.1 Claques SLB⁴

O fenómeno das claques de apoio ao Sport Lisboa e Benfica, surge em 1982 com a fundação dos Diabos Vermelhos. O seu aparecimento surge pela união de um grupo de associados do SLB que habitualmente se reunia no 2º anel da bancada central do antigo estádio da Luz, surgindo a 1ª faixa alusiva ao Diabos Vermelhos num jogo em novembro de 82. As boas prestações desportivas do clube, bem como o fator “novidade” fizeram o grupo ganhar rapidamente largas dezenas de seguidores.

As características, iniciais, da claque eram muito próprias: caras pintadas (por vezes também o cabelo), utilização de muitas bandeiras, maioritariamente vermelhas e brancas, faixas com o nome da claque com os mais variados símbolos (entre os quais a “*Union Jack*”⁵ sendo as suas cores adotadas no seio do grupo). Os elementos do grupo, apesar de não serem muito originais destacavam-se pelo “excesso”, dezenas de tochas e potes coloriam o “setor ultras” do Estádio da Luz, e as grandes bandeiras envolviam-se no ar com os muitos rolos lançados, dando vida própria à bancada.

⁴ Devido ao fato de nenhuma das claques afetas ao SLB está legalizada, a informação para produção deste capítulo foi recolhida junto de blogs de adeptos (serbenfiquista.com ; eternobenfica.blogspot.pt; amigoultra.blogspot.pt)

⁵ Nome pela qual é apelidada a bandeira do Reino Unido

Em 1992, numa altura em que a claque gozava de boas relações e forte apoio na direção do clube, um processo de renovação de liderança da claque falhou e dá-se uma cisão no seio do grupo. Forma-se assim uma 2ª claque de apoio ao SLB, os *No Name Boys*.

Os *No Name Boys* surgem pela 1ª vez no jogo contra o Sparta de Praga para as competições europeias da época 92/93. Nesse jogo realizam uma coreografia nunca vista em Portugal, ao acenderem cerca de 200 tochas aquando da entrada das equipas em campo. Desde a sua fundação que são conotados com um grupo “politicamente incorreto”, tendo como um dos momentos mais negativos o episódio do *very-light* na final da Taça de Portugal, em 1996 no estádio do Jamor⁶. Este incidente, motivou a retirada de todo o apoio por parte da direção da altura e a um quase desaparecimento da claque. Hoje em dia, no entanto, e ultrapassado esse episódio, são o maior grupo de apoio ao SL Benfica, seja no topo Sul do Estádio do Luz, seja em qualquer campo por esse país fora.

Existe ainda, atualmente, uma 3ª claque de apoio ao SLB, o denominado *Grupo Manks*. Tem um reduzido nº de elementos, mas é caracterizado por um forte espírito ultra, destacando-se pela sua bandeira axadrezada vermelha e branca. Surgiram no início da época 1996/97, com a dissolução do Ultras Benfica, formados por dissidentes dos *No Name Boys*.

De destacar que nenhuma destas referidas claques, está legalizada, não sendo por isso reconhecidas oficialmente pelo Sport Lisboa e Benfica.



Figura 4 - Claque No Name Boys - Foto: Blog Maior de Portugal

⁶ Ver em “5.1 Incidentes nacionais”

4.2.3.2 Claques SCP

Como referido anteriormente, a mais antiga claque ou associação de adeptos de clubes nacionais, segundo o *site* oficial do SCP, é a “Juventude Leonina”, fundada em 1976, por João e Gonçalo Rocha (filhos do então Presidente João Rocha). De um grupo de amigos de escola surgiu uma presença muito assídua e ativa no acompanhamento das equipas leoninas. Nos primeiros tempos, a “Juventude Leonina” distinguiu-se pelas suas enormes bandeiras, potes de fumo e coreografias gigantes preparadas para os grandes jogos em Alvalade.

Em 1984, um grupo de dissidentes da “Juventude Leonina”, forma a “Torcida Verde” que se define como um grupo pró-Sporting e com uma identidade e cultura muito vincada. As razões inspiradoras da fundação da “Torcida Verde” são os valores originais do SCP e o facto de o clube ser uma instituição desportivamente eclética, mais do que um clube de futebol. Para além da sua atividade nas bancadas do Estádio, a Torcida Verde aposta no apoio aos jovens e ocupação dos tempos livres, sobretudo através do desporto.

De acordo com o *site* oficial do clube, em maio de 2002 nascem “Os Diretivo Ultras XXI”. O grupo que começou por se situar no topo norte do antigo Estádio José Alvalade, hoje encontra-se situado no topo sul do Estádio José Alvalade. Tem como lema: 'Coerência, Honra, Fidelidade, eis a nossa Mentalidade'.

Por fim, em novembro de 2004 surgiu “A Brigada Ultras Sporting”, sendo na altura constituída na sua totalidade por ex-membros da Torcida Verde. Afirma-se como "um grupo de amigos com paixão pelo mundo ultra e com um amor eterno ao Sporting Clube de Portugal".

Hoje em dia, e depois de acordo estabelecido com a direção atual, as 4 claques de apoio ao SCP, têm lugar na denominada “Curva Sul” do estádio Alvalade XXI.



Figura 5 -Coreografia claques do Sporting CP - Foto: Forum SCP

3.2.4 Dispositivos de Controlo das Multidões

Os grandes dispositivos policiais de controlo de ordem pública são frequentes em quase todos os países e ocorrem sobretudo no contexto de eventos desportivos ou em manifestações de protesto

Já muitos estudos foram realizados sobre o uso da força policial na resposta a um incidente específico ou a uma série de eventos mediatizados. Para evitar incorrer nos mesmos erros é de extrema importância aprender com as experiências anteriores e encontrar soluções diferentes.

Otto Von Bismarck afirmou “Os tolos dizem que aprendem com os seus próprios erros; eu prefiro aprender com os erros dos outros.” Já no seu tempo este reconhecido estratégia identificava a importância da aprendizagem através do erro. O registo histórico-temporal de informação é uma ferramenta relevante para sinalizar os diversos aspetos a melhorar em futuras edições de qualquer evento.

A este respeito, Adang e Brown (2008) no seu relatório sobre o policiamento no futebol europeu, apresentam um conjunto de pontos de vista de diversos autores. Segundo Della Porta e Reiter (1998), através da análise dos seus falhanços, a polícia, era capaz de alterar e aprender novos processos de intervir em situações de desordem pública. No entanto, Das (1984), concluiu que nos cursos de treino de “*riot control*” (ou anti-motim), nos Estados Unidos

da América, não tinham em conta experiências ocorridas anteriormente em contextos semelhantes. Jefferson (1990), no decorrer da observação de operações do grupo de patrulhas que lidava com o controlo de ordem pública no Reino Unido, notou que faltava uma reflexão crítica sobre a ocorrência de determinados incidentes específicos. Na Holanda, Dijkhuis (1982) e Adang (1990), denotaram a falta de uma avaliação sistemática após a ocorrência de incidentes de ordem pública, opinião corroborada por vários grupos de polícia. Smith e Elliot (2007), identificaram ainda uma falta de aprendizagem organizacional eficaz na sequência de eventos de crise, citando os desastres ocorridos em estádio de futebol como exemplo.

Nos vários documentos que regulamentam a segurança nos estádios de futebol, quer a nível nacional (FPF e LPFP), quer a nível internacional (UEFA e FIFA), encontramos diretrizes relativamente a diversos aspetos dos dispositivos de segurança que devem ser tidos em conta, a fim de mitigar a ocorrência de incidentes. Seguidamente passo a destacar alguns desses aspetos.

- Plano de Segurança

Todos os estádios têm de estar dotados de um plano de segurança, ou plano de emergência da segurança, com o objetivo de “diminuir a probabilidade de ocorrência de acidentes e limitar as suas consequências, caso ocorram, de modo a evitar a perda de vidas humanas ou de bens, a diminuição da capacidade de resposta de todos os intervenientes ou mesmo para prevenir traumas resultantes de uma situação de emergência.” (Medidas de Autoproteção SLB, pp.4).

De acordo com o Plano de Emergência do Sporting Clube de Portugal, este deve:

- Dotar o Estádio de um nível de Segurança eficaz;
- Limitar as consequências de um acidente;
- Sensibilizar para a necessidade de conhecer e rotinar procedimentos de autoproteção a adotar por parte de todos os responsáveis pela segurança e outros funcionários do clube, para a eventualidade de um incidente;

- Tentar co-responsabilizar todos os espectadores no cumprimento das Normas de Segurança, proporcionando-lhes a informação tida por conveniente e necessária, para um conhecimento adequado dos seus deveres, para o caso de uma emergência;
- Preparar e organizar os meios humanos e materiais existentes para garantir a salvaguarda de pessoas e bens, em caso de ocorrência de uma situação perigosa.

A LPFP exige a todos os clubes participantes nas competições de futebol profissional a elaboração de um Plano de Segurança:

“1. Os clubes estão obrigados a elaborar um regulamento de segurança e utilização dos espaços de acesso ao público relativo ao estádio por cada um utilizado na condição de visitado e cuja execução deve ser concertada com as forças de segurança, a ANPC e os serviços de emergência médica e a Liga.”
(Regulamento das competições 2015-2016, Capítulo V, Artigo 34º)

- Sala de Controlo de Segurança

Cada estádio deverá ter uma sala de controlo de segurança onde possam estar reunidas as autoridades responsáveis pela organização e segurança do jogo, e onde possam ser tomadas decisões em conformidade relativamente a incidências que possam ocorrer no período do jogo em causa.

Este aspeto é bem clarificado no ponto 36 do *Safety Regulation* da FIFA (pp.54), relativo ao *Venue Operation Center (VOC)*, onde consta que:

“A) Cada estádio deve possuir uma sala de controlo de operações (COV), que é a sala a partir da qual as pessoas responsáveis pelas operações de segurança no estádio podem monitorizar, controlar e direccionar os recursos em resposta a qualquer situação antes, durante e após uma partida. As suas principais funções incluem:

- I) Permitir que a equipa de gestão de segurança monitorize a segurança das pessoas que frequentam o estádio e nas imediações.
- li) Coordenar respostas a incidentes específicos.

lii) Fornecer, se necessário, uma facilidade de monitorização para os serviços de emergência.

Iv) Fiscalizar a ordem pública.

V) Ajudar a gestão do estádio na realização do jogo. "7

É ainda referido, na alínea b) que esta sala de controlo “deve estar localizada numa área segura do estádio e ter uma visão geral do interior do estádio”, e deve ser desenhada para acomodar “todos os equipamentos e pessoal necessário para gerenciar a segurança e segurança do estádio de forma eficiente”. E deve ainda, como referido na alínea c), ter um sistema de abastecimento de energia ininterrupto.

Também a UEFA coloca esta exigência aos estádios de categoria VI, expressa no Artigo 78º do *UEFA Stadium Infrastructure Regulations* (2010,pp.14):

“O estádio deve ter uma sala de controlo que fornece uma boa visão geral do interior do estádio e está equipado com equipamentos de comunicação.”8

- Circuito de CCTV

Para possibilitar uma vigilância mais eficiente, a partir da sala de controlo, sobre os acontecimentos, no interior e exterior do estádio é necessário que o recinto esteja equipado com um circuito de vigilância CCTV.

Este dispositivo é essencial para cumprir o disposto no Capítulo V, Artº 34º alínea c) do Regulamento das competições da LPFP para 2015/16, “vigilância e controlo destinados a impedir o excesso de lotação em qualquer zona do recinto, bem como a assegurar o desimpedimento das vias de acesso”.

A instalação deste circuito é uma exigência para os jogos sobe a égide da UEFA, como é referido no *UEFA Stadium Infrastructure Regulations* (2010,pp.14):

⁷ tradução livre a partir do original em inglês

⁸ tradução livre a partir do original em inglês

“Artigo 79.º - Sistema de televisão de circuito fechado

1-O estádio deve estar equipado, tanto dentro como fora, com um circuito fechado de televisão.

2-O sistema de televisão de circuito fechado deve ter a facilidade incorporada para imagens e incluem monitores coloridos na sala de controlo.”⁹

A instalação destes circuitos serve também como elemento dissuasor para eventuais incidentes nos estádios.

- Controlo de acesso ao recinto

O controlo de acesso ao recinto, é um dos aspetos mais importantes na gestão de multidões num jogo de futebol. Serve tanto para impedir problemas de sobrelotação, permitindo apenas o acesso a adeptos com bilhete válido para o jogo em questão. Como impede a ainda a entrada de elementos (pessoas ou bens) que possam provocar incidentes dentro do recinto.

Esta questão vem especificamente enquadrada nas alíneas b) e d) do artigo 34º do Capítulo V, do Regulamento das competições da LPFP para 2015/16:

“b) controlo da venda de títulos de ingresso, com recurso a meios mecânicos, eletrónicos ou eletromecânicos, a fim de assegurar o fluxo de entrada dos espectadores, impedindo a reutilização do título de ingresso e permitindo a deteção de títulos de ingresso falsos, nas competições desportivas consideradas de risco elevado;

(...)

d) instalação ou montagem de anéis de segurança e adoção obrigatória de sistemas de controlo de acesso, de modo a impedir a introdução de objetos ou substâncias proibidas ou suscetíveis de possibilitar ou gerar atos de violência, nos termos previstos na lei;”

A lei 52/2013 de 25 de julho, na alínea b) do artigo 3º define anel de segurança como “o espaço, definido pelas forças de segurança, adjacente ou exterior ao recinto desportivo ou local delimitado pela organização para a realização do

⁹ Tradução livre a partir do original em inglês

evento desportivo, cuja montagem ou instalação é da responsabilidade do promotor do espetáculo desportivo”.

Também a UEFA foca a necessidade deste tipo de dispositivo no Artigo 76º - *Public access and egress*, do *UEFA Stadium Infrastructure Regulations* (2010) referindo que:

“O estádio deve estar equipado com controlos eletrónicos modernos de acesso e sistemas de contagem mecânica, permitindo a análise de dados em tempo real e impedindo o uso de bilhetes falsificados e superlotação.”¹⁰

Mais à frente neste estudo será analisado como decorre este procedimento nos jogos realizados no Estádio do Sport Lisboa e Benfica, e no Estádio Alvalade XXI.

- Separação de adeptos adversários

Conforme foi abordado no ponto 2.2 Comportamento das Multidões, uma das características dos jogos de futebol, especialmente os de risco elevado, como os que foram observados no decorrer deste estudo, é a carga emotiva que gera nos adeptos. Devido a esse facto, e por forma a evitar incidentes, é essencial que sejam tomadas medidas no sentido de criar uma segregação entres os adeptos visitados e visitantes.

O Artigo 10º do *UEFA Safety and Security Regulation* deixa indicações sobre este procedimento:

“1 - Para uma partida onde os espetadores são segregados, uma estratégia de segregação deve ser elaborada pelo organizador do jogo em conjunto com o chefe de polícia e / ou o oficial de segurança do estádio. Se necessário, esta estratégia incluirá também uma estratégia de estacionamento para os diferentes grupos de adeptos.

2-A estratégia de dispersão de torcida de final de jogo deve ser discutida na reunião organizacional na manhã do jogo”¹¹ (2006,pp.4)

¹⁰ tradução livre a partir do original em inglês

¹¹ Tradução livre a partir do original em inglês

A LPFP no seu Regulamento das Competições para 2015/16 refere expressamente a necessidade de medidas, por parte da entidade organizadora para “separação física dos adeptos, reservando-lhes zonas distintas, nas competições desportivas consideradas de risco elevado”

Em 2015 a UEFA estabeleceu, com a Ref. E15 dos requisitos do regulamento, que “todos os clubes com estádios que tenham lotações superiores a 35 mil lugares são obrigados a ter caixa de segurança para as claques adversárias, tendo uma temporada para instalar a referida proteção.” (site Maisfutebol, 2015).

Como poderá ser observado mais adiante neste estudo, os estádios dos principais clubes portugueses já estão equipados com as respetivas caixas de segurança, delimitando as áreas que acomodam os adeptos adversários.

- Sistema de Retenção de adeptos no estádio

Como referido anteriormente, nos jogos de risco elevado existe por norma uma rivalidade associada entre os adeptos das equipas adversárias, que independentemente do resultado, exige que a saída dos adeptos visitantes seja desfasada da saída dos adeptos da equipa da casa, como medida preventiva de ocorrência de confrontos.

Desta forma a entidade organizadora deve assegurar as condições para que esse tempo de espera dos adeptos visitantes se proceda com a maior normalidade possível, evitando situações que possam despoletar quaisquer tipos de comportamentos violentos.

Estes aspetos estão previstos no Artigo 46º do *UEFA Safety and Security Regulations* (2006, pp15):

“Artigo 46 - Retenção de apoiantes dentro do estádio

1 - Se o chefe de polícia ou o oficial de segurança do estádio decidir que, por razões de segurança, um grupo de adeptos deve ser mantido dentro do estádio

por um período de tempo enquanto outros apoiantes se dispersarem, os seguintes princípios devem ser observados:

- a) a decisão de manter um grupo de adeptos deve ser anunciada através do sistema de publicações na língua do grupo de apoio em questão;
- b) o anúncio deve ser repetido pouco antes do final do jogo;
- c) o organizador do jogo deve assegurar que, durante este período de retenção, os adeptos retidos tenham acesso a bebidas e instalações sanitárias;
- d) se possível, os apoiantes retidos devem ser entretidos (música, placar eletrónico, etc), para ajudar o tempo de espera passar mais rapidamente e mantê-los calmos;
- e) devem ser informados regularmente sobre quanto mais tempo terão de esperar antes de deixarem o estádio. ¹²

4.3 Agentes Intervenientes

O processo de controlo de multidões envolvidas num evento desportivo, gerador de fortes emoções e sentimentos, como é um jogo de futebol profissional envolvendo as principais equipas do campeonato, envolve a participação, e uma apurada coordenação, de diversas entidades. O objetivo é que o evento se desenrole sem incidentes, e que caso estes se venham a verificar, mitigar ao máximo que os seus efeitos provoquem vítimas, bem como alterações da ordem pública.

Seguidamente passamos a apresentar os principais agentes envolvidos no processo de gestão de multidões de um jogo futebol profissional em Portugal.

- Organizador do Jogo

Para questões relativas a aspetos de segurança a principal autoridade definida pelo clube visitado, é o Diretor de Segurança, também designado «ponto de contacto para a segurança», que o Regulamento de Competições da LPFP, no seu Artigo 3º, alínea i), define como “o representante do clube permanentemente responsável por todas as matérias de segurança,

¹² Tradução livre a partir do original em inglês

nomeadamente pela execução dos planos e regulamentos de prevenção e de segurança, ligação e coordenação com as forças de segurança, as entidades de saúde e os serviços de emergência médica, a ANPC, os bombeiros e a LPFP, bem como pela definição das orientações do serviço de segurança privada”.

É dever do clube visitante “assumir a responsabilidade pela segurança do recinto desportivo e anéis de segurança” (Artigo 35º, 1 a), Regulamentos Competições LPFP)

- Agentes de Recinto Desportivo (ARD´S)

Conforme a alínea c), do artigo 3º do Regulamento Competições da LPFP “«assistente de recinto desportivo», ou, abreviadamente, «ARD», o vigilante de segurança privada especializado, direta ou indiretamente contratado pelo clube visitado, com as funções, deveres e formação definidos na legislação aplicável ao exercício da atividade de segurança privada

- Forças de Segurança

Os jogos de futebol, devido à concentração de um número significativo de espectadores, com uma envolvimento emocional muito característica, como referido anteriormente, requerem uma vigilância por parte das forças de segurança de forma evitar ou minimizar qualquer incidente que se possa registar.

Em Portugal, pelo menos nos jogos considerados de risco elevado, bem como nos jogos internacionais, essa responsabilidade fica a cargo da Polícia de Segurança Pública.

A Polícia de Segurança Pública, designada por PSP, é uma força de segurança, uniformizada e armada, com natureza de serviço público e dotada de autonomia administrativa.

A PSP tem por missão assegurar a legalidade democrática, garantir a segurança interna e os direitos dos cidadãos, nos termos da Constituição e da lei.

Como é possível verificar no *site* oficial da PSP, uma das suas atribuições é:

“11. Garantir a segurança nos espetáculos, incluindo os **desportivos**, e noutras atividades de recreação e lazer, nos termos da lei;”

Dependo do grau de risco definido para o jogo em questão, é definido o contingente e o plano de ação da PSP. De destacar a participação de uma unidade específica do corpo da Polícia de Segurança Pública, a Unidade Especial de Polícia (UEP), especialista no controlo de multidões.

Nos casos analisados o policiamento ficou a cargo da 3ª Divisão Policial do Comando Metropolitano de Lisboa da PSP, COMETLIS.

- Entidades de Saúde e emergência médica

Nos casos de estudo em análise, este serviço é prestado pelos Bombeiros Lisbonenses, existindo ainda a possibilidade de prestação de serviços por parte do INEM, como se veio a verificar nomeadamente no jogo Sporting CP- SL Benfica para a Taça de Portugal.

De salientar também o apoio prestado pela Cruz Vermelha Portuguesa no apoio ao trajeto das claques adversárias para o estádio, nos jogos de risco elevado, assegurando a prestação dos primeiros socorros em caso de necessidade.

- Proteção Civil

Este serviço é assegurado pelo Serviço Municipal da Proteção Civil da Câmara de Lisboa, nos jogos realizados no estádio do Sport Lisboa e Benfica e no estádio Alvalade XXI.

4.4 Evolução das Medidas de Prevenção

As grandes tragédias do futebol, como o desastre de Hillsborough ou de Heysel Park¹³, obrigaram os governos a promulgar novas normas e estabelecer novos procedimentos de segurança.

¹³ Descrição no capítulo 3.2 Incidentes no panorama internacional

Um ponto importante da adequação das estruturas e dos serviços em termos internacionais deu-se em 1990 com a promulgação, pelo Parlamento Inglês, do denominado *Taylor Report*, onde foram apontadas como principais causas das tragédias que ocorriam nos estádios ingleses a combinação das instalações inadequadas, então utilizadas para a prática do desporto, e o sistema deficitário de gestão das multidões que assistiam aos jogos.

Neste relatório, Lord Taylor apresentava 76 recomendações para melhorar o estado do futebol britânico, sendo as mais importantes:(Football Stadia After Taylor, 1990,pp.6):

“A substituição gradual de terraços com áreas sentadas em todos os terrenos até o final do século, tornando todos os estádios da Primeira e Segunda Divisão com lugares sentados até o início da temporada de 1994-5 e toda a Terceira e Quarta Divisão até 1999-2000.

- Criação de um conselho de Design de Estádio de Futebol para aconselhar sobre segurança no solo e construção e encomendar investigação nesta área.
- Nenhuma vedação de perímetro deve ter extremidades pontiagudas no topo ou ter mais de 2,2 metros de altura.
- Criminalizar a venda ilegal de bilhetes.
- Introdução de novas leis para lidar com uma série de infrações dentro de campos de futebol, incluindo cânticos racistas e lançamento de pirotecnia.
- Envio de infratores reincidentes para Centros de Detenção e uso de novos dispositivos de marcação eletrônica para *hooligans* condenados”¹⁴

Atualmente a nível internacional, a FIFA possui um regulamento, *FIFA Stadium Safety and Security Regulations (2010)*, que determina todos os aspetos e requisitos, relacionados com a segurança, necessários para que um determinado estádio possa acolher jogos de competições sob a alçada da FIFA. Esta organização possui, ainda, um manual técnico de recomendações para a construção de novos estádios, *FIFA Stadiums – Technical recommendations and requirements (2011)*, especificando todos os aspetos

¹⁴ Tradução livre a partir do original em inglês

que devem ser tidos em conta para construir um anfiteatro respeitando todas as normas de segurança, estipuladas por esta federação.

“O grau de luxo e conforto que pode ser construído num estádio vai depender da quantidade de dinheiro disponível, mas a exigência fundamental que deve ser cumprida, independentemente dos níveis de financiamento disponíveis, é que o estádio deve ser uma instalação segura para todos aqueles que o usam, sejam eles espetadores, participantes da partida, media, funcionários ou outros.”¹⁵ em *FIFA Stadiums – Technical recommendations and requirements* (2011)

No panorama europeu, a UEFA, possui também ela um conjunto de normas específicas no que à organização de jogos sobre a sua égide diz respeito. No que concerne à regulamentação das normas de segurança temos o *UEFA Safety and Security Regulations (2006)*. Ao nível específico de infraestruturas, existe o *UEFA Stadium Infrastructure Regulations (2010)*. Para além destes dois documentos, a UEFA reforça ainda as suas posições, quanto à segurança, nos regulamentos das suas competições, como a *UEFA Champions League* e a *UEFA Europa League*.

A nível nacional, e como pudemos aferir no capítulo anterior, o papel de destaque das claque no epicentro dos episódios de violência no futebol português, foi provocando um forte repúdio da opinião pública, especialmente depois do trágico acidente que vitimou um adepto sportinguista na final da Taça de Portugal, devido ao lançamento de um *very light* por um elemento da claqué afeta ao SL Benfica, *No Name Boys*.¹⁶ Este incidente, levou à intervenção do Estado com a promulgação de nova legislação (Lei n.º 8/97, de 12 de Abril e Lei n.º 38/98, de 4 de Agosto), visando o reforço das medidas de controlo e prevenção.

Algumas das principais medidas de segurança introduzidas, foi o aumento da vigilância nos estádios através do sistema CCTV, a introdução de *spotters* (policiais à civil) no seio das claque, por forma a terem um maior controlo das mesmas, e ainda a identificação dos membros integrantes das claque, junto

¹⁵ Tradução livre a partir do original em inglês

¹⁶ Ver no Capítulo 3.1 Incidentes no panorama nacional

das entidades que gerem o futebol. Estas medidas ocorreram no âmbito das recomendações das “instâncias de concertação intergovernamental, no espaço do Comité Permanente da *Convenção Europeia sobre a Violência e os Excessos dos Espectadores por Ocasão das Manifestações Desportivas e nomeadamente de Jogos de Futebol* e, também, do Conselho Europeu (JO C 193 de 24.6.1997), tendo esta legislação sido revista de modo a reforçar-se a segurança por ocasião da preparação do Euro 2004 (Lei n.º 16/2004, de 11 de Maio) e, recentemente, pela Lei n.º 39/2009, de 30 de Julho”. (Marivoet,2009,pp10)

Esta medida, Lei nº39/2009, de 30 de julho, veio estabelecer o regime jurídico do combate à violência, ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos, de forma a possibilitar a realização dos mesmos com segurança. Entrada em vigor na época 2009/10., visava o reforço dos mecanismos de controlo dos grupos organizados de adeptos, vulgarmente apelidados de claques, mormente a aplicação de sanções ao organizador do espetáculo desportivo, neste caso específico os clubes que apoiem a existência de claques sem que essas estejam devidamente regulamentadas junto das entidades competentes.

Em 2011, por ocasião do seminário internacional "Futebol - Um Espetáculo Seguro", promovido pela LPFP, Conde Rodrigues, secretário de estado Adjunto e da Administração Interna, considerou que esta lei “tem os instrumentos para uma boa aplicação” admitindo que uma revisão podia “traduzir-se na melhoria da segurança nos recintos desportivos”. Saliou a videovigilância como “instrumento que podia ter uma boa aplicação”, por permitir a identificação de agentes prevaricadores e constituir, assim, elementos de prova.

O secretário de Estado admitiu ainda que era necessário melhorar “a articulação entre todos os intervenientes”, lembrando que a iniciativa legislativa se baseia na prevenção e na repressão, acrescentando, no entanto, que “a lei está a dar os primeiros passos” e que “não se pode estar sempre a alterar uma lei quando há um problema”.

No ano seguinte, é então lançada o decreto-lei n.º 216/2012 de 9 de outubro, veio estabelecer o regime de policiamento e de satisfação de encargos daí

decorrentes no referente a espetáculos desportivos realizados em recintos desportivos.

Esta lei introduz uma alteração significativa, à Lei nº39/2009, na medida em que, no ponto 1 do Artigo 2º-Requisição de policiamento, retira a obrigatoriedade da requisição de policiamento para espetáculos desportivos, salvo em 3 situações:

- Realização de espetáculos desportivos em recintos à porta fechada;
- Realização de espetáculos desportivos na via pública;
- Outros casos expressamente previstos na lei.

No entanto no ponto 2 do mesmo artigo, mesmo nos casos é que não é obrigatório por lei, é dada a possibilidade de que caso “seja considerada necessária pelos promotores do espetáculo, a requisição de policiamento é efetuada por estes, considerando o risco do espetáculo”.

Em 2013, surge o Decreto-lei 52/2013, de 17 de abril, visto que altera o Artigo 2º, referido no parágrafo anterior, determinando assim, “que os espetáculos desportivos integrados em competições desportivas de natureza profissional, como tal reconhecidas nos termos da lei, devam sempre ser objeto de policiamento”.

Por fim, uns meses mais tarde é aprovada a Lei 52/2013, de 25 de julho, que procede à segunda alteração à Lei n.º 39/2009, de 30 de julho, que estabelece o regime jurídico do combate à violência, ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos, de forma a possibilitar a realização dos mesmos com segurança. Sendo, até à data, a atual legislação em vigor.

Esta lei, no seu Artigo 12.º, qualifica os espetáculos desportivos quando ao seu grau de risco da seguinte forma:

“1 - Quanto aos espetáculos desportivos com natureza internacional, consideram-se de risco elevado aqueles:

a) Que correspondam à fase final de um campeonato europeu ou mundial, nas modalidades a definir anualmente por despacho do presidente do IPDJ, I. P., ouvidas as forças de segurança;

b) Que sejam como tal declarados pelas organizações internacionais, a nível europeu e mundial, das respetivas modalidades, com base em incidentes ocasionados pelos adeptos de pelo menos uma das equipas ou, ainda, por razões excecionais;

c) Em que os adeptos da equipa visitante presumivelmente venham a ultrapassar 10 % da capacidade do recinto desportivo ou sejam em número igual ou superior a 2000 pessoas;

d) Em que o recinto desportivo esteja presumivelmente repleto ou em que o número provável de espetadores seja superior a 30 000 pessoas.

2 - Quanto aos espetáculos desportivos com natureza nacional, consideram-se de risco elevado aqueles:

a) Que forem definidos como tal por despacho do presidente do IPDJ, I. P., ouvida a força de segurança territorialmente competente e a respetiva federação desportiva ou, tratando-se de uma competição desportiva de natureza profissional, a liga profissional;

b) Em que esteja em causa o apuramento numa competição por eliminatórias nas duas eliminatórias antecedentes da final;

c) Em que o número de espetadores previstos perfaça 80 % da lotação do recinto desportivo;

d) Em que o número provável de adeptos da equipa visitante perfaça 20 % da lotação do recinto desportivo;

e) Em que os adeptos dos clubes intervenientes hajam ocasionado incidentes graves em jogos anteriores;

f) Em que os espetáculos desportivos sejam decisivos para ambas as equipas na conquista de um troféu, acesso a provas internacionais ou mudança de escalão divisionário.

3 - Consideram-se, por regra, de risco reduzido os espetáculos desportivos respeitantes a competições de escalões juvenis e inferiores.

4 - Consideram-se de risco normal os espetáculos desportivos não abrangidos pelos números anteriores.

5 - Tendo em vista a avaliação a que se referem a alínea a) do n.º 1 e a alínea a) do n.º 2, a federação desportiva ou liga profissional respetiva deve remeter ao IPDJ, I. P., antes do início de cada época desportiva, relatório que identifique os espetáculos suscetíveis de classificação de risco elevado, sendo tal relatório reencaminhado para as forças de segurança, para apreciação.

6 - As forças de segurança podem, fundamentadamente, colocar à apreciação do IPDJ, I. P., a qualificação de determinado espetáculo desportivo.”

5. Histórico de Incidentes na Gestão de Multidões

Ao longo dos anos os estádios de futebol, foram palco de diversos incidentes envolvendo multidões. Alguns deles originando verdadeiras tragédias com um nº significativo de mortos e feridos. As principais causas destes episódios estão muitas vezes relacionadas com a sobrelotação e as falhas dos dispositivos de segurança, mas não só. Seguidamente serão apresentados alguns casos a nível nacional e internacional, em que a gestão de multidões foi um fator crítico.

5.1 Episódios Nacionais

- Queda de Varandim no Estádio José Alvalade – 07/05/1995

No decorrer da época 1994/95 o Sporting CP recebia o FC Porto, no estádio José Alvalade, em jogo a contar para a 31ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol. As duas equipas encontravam-se separadas por poucos pontos na tabela classificativa, a poucas jornadas do fim do campeonato.

Apelidado como o “jogo do título” levou uma multidão de adeptos a ocorrer a Alvalade para lotarem as bancadas e presenciarem este clássico do futebol português. No entanto, a tragédia estava à espreita. Aquando da chegada do autocarro da comitiva do FC Porto ao estádio, à passagem pela porta 10-A, um grupo de cerca de 40 adeptos do Sporting CP precipitou-se, com a intenção de hostilizar a equipa adversária, junto a um varandim que não aguentou a

pressão de tanta gente e cedeu, provocando uma queda coletiva de mais de 5 metros de altura.

Como resultado deste incidente, registaram-se dezenas de feridos e dois adeptos tragicamente falecidos. O jogo em questão acabou por se realizar por as autoridades temerem que o facto de adiar a partida fosse um foco de tensão adicional que potenciasses mais incidentes.



Figura 6 - Momentos após a queda do varandim- foto ND



Figura 7 - Investigações à queda do varandim-foto:ND

- Very Light no Jamor – 18/05/1996

A época desportiva 95/96 encerrava-se com a final da Taça de Portugal, num duelo entre os grandes rivais de Lisboa, SL Benfica e Sporting CP.

O estádio estava lotado para assistir à “festa do futebol”, que ficou tragicamente marcada quando à passagem do minuto 8 da partida, após o SL Benfica inaugurar o marcador, é lançado um very-light oriundo da zona da claque benfiquista *No Name Boys*, caindo sobre uma zona de adeptos do Sporting CP, acabando por vitimar mortalmente um adepto sportinguista.

O autor do lançamento do very-light foi identificado, julgado e condenado a 4 anos de prisão por negligência grosseira.



Figura 8 - Local atingido pelo Very Light – foto: Jornal Record

- Incêndio nas bancadas do Estádio da Luz – 26/11/2011

Após o final do jogo SL Benfica – Sporting CP, a contar para 13ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, que terminou com a vitória da equipa da casa por 1-0, foi deflagrado um incêndio nas bancadas do estádio da Luz na zona reservada aos adeptos do Sporting CP.

Não houve registo de vítimas, mas o incêndio provocou a destruição de várias filas de cadeiras, bem como danos na estrutura da cobertura do estádio. O incêndio foi combatido pelo Corpo de Bombeiros presente no estádio, sendo as chamas perfeitamente visíveis.

O Sporting CP foi condenado a pagar todos os estragos provocados pelos seus adeptos. De realçar que este foi o 1º jogo em que foi utilizada a “caixa de segurança”, no estádio da Luz, para delimitar os sectores onde ficam colocados os adeptos da equipa visitante, decisão esta que provocou algum desagrado nos dirigentes do Sporting CP, “Timing da “caixa” não era adequado”, afirmou o Eduardo Barroso, presidente da AG do clube, ao Jornal Record. Miguel Salema Garção, antigo diretor de comunicação, em declarações à Antena 1, considerou mesmo esta medida como uma “atitude provocatória”.



Figura 9 - Incêndio nas bancas do Estádio do SLB – Foto:LUSA

- Confrontos nos festejos do 34ºCampeonato do SL Benfica – 18/05/2015

Após o apito final, do jogo em Guimarães que confirmou a conquista do Campeonato Nacional por parte do SL Benfica, milhares de adeptos começaram a concentrar-se junto à rotunda no Marquês de Pombal, em Lisboa, local habitual de celebração de vitória das equipas lisboetas.

Em Guimarães, já tinham existido graves conflitos entre a polícia e os adeptos antes do jogo, mas em Lisboa reinou o ambiente de festa nas largas horas de espera pela equipa, vinda diretamente do norte do país.

Após a chegada da equipa, os jogadores foram subindo um a um para um palanque montado em torno da estátua do Marquês de Pombal, para serem vitoriados pelos adeptos.

Tudo corria dentro da normalidade, quando do meio da multidão incorre o caos com arremesso de pedras, garrafas de vidro e petardos sobre o corpo de intervenção que fazia segurança no local. A polícia ripostou às agressões dos adeptos, e terminou a festa com violência, apesar dos apelos do capitão do SLB, Luisão, tentando serenar os ânimos, mas sem qualquer efeito.

Segundo informação do canal SIC, a PSP registou pelo menos 13 detenções, 9 agentes ficaram feridos, bem como um número indeterminado de adeptos.



Figura 10 - Polícia dispersa adeptos no Marquês –
foto: FOCUSCELEBRATION / GLOBAL IMAGENS



Figura 11 - Confronto entre PSP e adeptos –
foto: JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

5.2 Episódios Internacionais

- Peru x Argentina - Qualificação para os Jogos Olímpicos – 24/051964

Conhecido como o maior desastre de sempre ocorrido num estádio de futebol. Em Lima, um estádio lotado com 53 mil espectadores, que procuravam “empurrar” a equipa nacional rumo aos Jogos Olímpicos. Após uma decisão de arbitragem controversa, 2 adeptos acabaram por entrar no terreno de jogo, provocando uma ação musculada das forças de segurança. Este episódio provocou uma revolta nas bancadas.

" Os nossos próprios policiais estavam pontapeando e batendo como se ele fosse o inimigo. Isto é o que levantou a raiva de todos - incluindo a minha" José Salas, adepto presente no estádio, à BBC.

Rapidamente começaram a ser arremessados objetos contra as forças de segurança, o que deflagrou uma autêntica “batalha campal”, vitimando mais de 300 adeptos peruanos, muitos deles por asfixia e “esmagamento” devido ao pânico provocado pelo lançamento de gás pimenta por parte da polícia. A violência propagou-se, ainda, para as imediações do estádio, com as forças de segurança a dispararem contra os adeptos na tentativa de conter os distúrbios.



Figura 12 - Jornal da época ilustra o tumulto nas bancadas – foto:BBC

- O Drama de Heysel Park – 29/05/1985

O Estádio Heysel Park, em Bruxelas, foi o palco escolhido para receber a final da Taça dos Campeões Europeus da época 1984/85, disputados pelos ingleses do Liverpool FC e os italianos da Juventus de Turim. Antecipando confrontos entre adeptos das duas equipas, as forças de segurança colocaram em prática algumas medidas como a revista minuciosa à entrada do estádio, ou a restrição de venda de bebidas alcoólicas nas imediações do recinto (algo que não impediu que fosse vendido álcool livremente nos bares da cidade).

Apesar de alguns graves incidentes registados nos arredores do Heysel Park, cerca de uma hora antes do jogo praticamente todos os adeptos estavam dentro do estádio num ambiente festivo.

Os problemas começaram meia hora antes do apito inicial, quando os adeptos ingleses decidiram invadir um sector teoricamente neutro do estádio, mas composto sobretudo por adeptos italianos. Existia apenas uma frágil barreira e alguns agentes da polícia a separar os dois sectores. Em pânico os adeptos

italianos recuaram até ao extremo oposto da bancada, exercendo uma pressão tal na estrutura que fez colapsar o muro provocando o esmagamento de inúmeros adeptos.

Deste incidente resultaram 39 mortos, e mais de 600 feridos. Resultante deste incidente 14 adeptos do Liverpool foram condenados a 3 anos de prisão por homicídio involuntário. Os clubes ingleses foram banidos das competições da UEFA durante 5 temporadas, e o Liverpool FC durante 6. A Bélgica foi impedida de receber finais e competições internacionais durante 10 anos.



Figura 13 - Corpos das vítimas nas bancadas - foto:epa



Figura 14 – Adeptos italianos esmagados por colapso do muro –

foto: The Observer

- Desastre de Hillsborough – 15/04/1989

Liverpool e Nottingham Forestt reeditavam o duelo da época anterior a contar para as meias-finais da Taça de Inglaterra, em Sheffield.

Segundo noticiava o jornal *The Guardian* na altura, 20 Minutos antes de principiar o jogo, ainda haviam milhares de fãs do Liverpool á espera para entrar no recinto, devido à demora dos velhos torniquetes do estádio

Hillsborough. Temendo a ocorrência de vítimas no exterior do estádio, as forças policiais decidiram abrir um portão, originalmente de saída, por forma a escoar o fluxo de adeptos acumulado. Esta decisão revelou-se trágica, ao provocar uma entrada em massa dos adeptos num pequeno túnel que dava acesso às, já superlotadas, bancadas localizadas atrás da baliza, provocando o esmagamento dos adeptos que se encontravam nas primeiras filas.

O jogo apenas foi interrompido aos 6 minutos, por alerta da polícia ao árbitro da partida, quando alguns adeptos tentavam fugir para dentro do campo trepando o gradeamento, ou sendo içados por adeptos das bancadas superiores, depois de uma barreira atrás da baliza ter cedido devido à pressão dos fãs.

Este desastre provou 96 mortes e mais de 700 feridos. Taylor (1989) no seu relatório sobre o incidente escreveu que “o elemento-chave do controlo policial em falta foi a falha no encerramento do túnel que conduzia às entradas 3 e 4 uma vez que o portão C tinha sido aberto”. Criticando ainda a reação lenta que tiveram após a ocorrência do desastre.



Figura 15 - Adeptos a escaparem para a bancada superior – foto: The Guardian



Figura 16 - Adeptos esmagados contra o gradeamento –

foto: The Guardian

- Port Said – 01/02/2012

Após o apito final, que opôs o Al Masry e o Al Alhy, e que terminou com uma vitória por 3-1 do Al Masry, milhares de adeptos da equipa da casa invadiram o relvado atacando a equipa e adeptos rivais.

Um reduzido grupo de polícia de intervenção conseguiu escoltar os jogadores até aos balneários, mas o treinador português do Al Alhy, Manuel José, não se livrou totalmente da fúria dos adeptos "Mal terminou o jogo tentei ir para as cabines, meteram seguranças há minha volta mas ainda levei uns socos e pontapés na cabeça e no pescoço, mas estou bem" disse ao canal SIC Notícias.

Destes confrontos resultaram 74 mortos, e mais de 1000 feridos, provocando a suspensão da Liga de Futebol do Egipto por tempo indeterminado.

As motivações deste confronto estiveram muito para além das questões desportivas. Khaled Gad, um adepto do Alhy, contou ao *The Guardian*, " Existe uma forte ligação política. O que aconteceu hoje não foi apenas um problema de um jogo de futebol, está relacionado com outros eventos no país".



Figura 17 - Invasão de campo dos adeptos após do fim do jogo - foto: AFP

6.Casos de Estudo

Para esta investigação foram escolhidos como casos de estudo a análise dos modelos do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, e respetivamente o Estádio Sport Lisboa e Benfica (vulgarmente designado por “Estádio da Luz”), e o Estádio Alvalade Séc. XXI (vulgarmente designado por “Estádio de Alvalade”).

A escolha destes casos de estudo é justificada, por serem duas instituições emblemáticas do desporto português, sendo mesmo as que possuem o maior número de adeptos e simpatizantes. São também dois clubes que estão constantemente inseridos nos quadros das competições europeias, o que possibilitou um trabalho de observação não apenas respeitante ao modelo de gestão de multidões nacionais, mas também internacionais (normas UEFA).

6.1 Sport Lisboa e Benfica

O Sport Lisboa e Benfica foi fundado a 28 de fevereiro de 1904, com o nome de Sport Lisboa. Viria a adotar a designação atual, Sport Lisboa e Benfica, em 1908 depois dum processo de fusão com o clube Sport e Benfica.

É hoje o clube mais titulado a nível nacional, e um dos grandes símbolos de Portugal no estrangeiro.

6.1.2 Observação

No decurso deste estudo foram observados vários jogos considerados de risco elevado no estádio do Sport Lisboa e Benfica, a saber:

- SL Benfica – Sporting CP – 8ª Jornada da Liga NOS
- SL Benfica – *Galatasary* – 2ª Jornada Fase de grupos da *UEFA Champions League*
- SL Benfica – FC Porto - 22ª Jornada da Liga NOS
- SL Benfica – Zenit – 1ª mão dos Oitavos-final da *UEFA Champions League*

Nos jogos observados a contar para a Liga NOS, frente aos grandes rivais SCP e FCP, foram jogos definidos como sendo de risco elevado, onde se registaram lotações acima dos 60 mil espectadores.

Foi possível observar, o dispositivo de segurança dedicado ao acompanhamento dos adeptos adversários (ver em baixo em detalhe), nomeadamente a zona definida no interior do estádio para os adeptos adversários, a denominada caixa de segurança. No estádio do Sport Lisboa e Benfica é composto por 2 sectores do Piso 3 da bancada Coca Cola. As 3 filas de cadeiras limites da caixa de segurança, inferior e laterais, não são disponibilizados para venda por forma a permitir um corredor ocupado por ARD's, e forças de segurança caso seja necessário. De salientar ainda que existem equipas de intervenção rápida da UEP, em posições resguardadas no interior das bancadas prontas a intervir em caso de algum incidente.

Esta situação verifica-se, igualmente junto às zonas destinadas às claques da equipa visitada. Nestas zonas foi possível observar no jogo contra o FCP, a contar para a 22ª jornada da Liga NOS, um reforço da presença de ARD's, devido a conflitos ocorridos recentemente em jogos anteriores entre membros da claque *No Name Boys*, situação que não se verificou neste encontro.

Nestes dois jogos observados, para o campeonato local, a situação mais complexa registada, foi uma tentativa de invasão das garagens do estádio por parte alguns elementos das claques do SLB, após o final do jogo que terminou com a derrota da equipa da casa contra o SCP. Esta situação foi prontamente resolvida com a ação conjunta de ARD's e membros da PSP.

Nos jogos internacionais observados, a contar para a *UEFA Champions League*, registaram-se lotações mais reduzidas, na casa dos 50 mil espectadores, mas os dispositivos de segurança foram em tudo semelhantes, aos observados nos jogos nacionais.

É de realçar que aquando da realização destes jogos, o Sport Lisboa e Benfica, encontrava-se na iminência de ser condenado à interdição do seu estádio após um castigo imposto pela UEFA, na sequência de incidentes registados no estádio *Vicente Calderón*, no encontro com o Atlético de Madrid. Por esta

razão, era grande a preocupação dos responsáveis do clube para que não se registasse qualquer incidente, sendo feitos diversos apelos aos adeptos no dia do jogo e nos dias anteriores para o não arremesso de engenhos pirotécnicos.

Quer seja pelos apelos, ou pelo receio dos adeptos de poderem ficar sem ver os jogos da sua equipa no seu próprio estádio, o certo é que não se registaram quaisquer incidentes, decorrendo tudo dentro da normalidade.



Figura 18 - Credencial de acesso do SMPC ao Estádio do SLB

A título de curiosidade ficam alguns n^os de um jogo de alto de risco no estádio do Sport Lisboa e Benfica:

- 63000 Espetadores
- 2500 Adeptos visitantes
- 14 Veículos Bombeiros Lisbonenses (8 ambulâncias e 64 efetivos)
- 18 Desfibrilhadores
- 531 ARD's
- 1500 Agentes PSP



Figura 19 - Área Circundante Estádio do Sport Lisboa e Benfica – foto:Google Earth

6.1.3 Dispositivo de chegada de adeptos adversários

Nos jogos de risco elevado a chegada dos adeptos visitantes ao estádio do Sport Lisboa processa-se pelo 1º portão de estacionamento. No caso das claque do FC Porto, os autocarros são conduzidos pelas forças de segurança para um parque de estacionamento na Estrada da Pontinha. Seguem até ao cruzamento com a Avenida Cidade de Praga, continuando pela Avenida Marechal Teixeira Rebelo, onde passam por baixo da Avenida General Norton de Matos, chegando, por fim, à Avenida Marechal dos Santos, onde terão o acesso ao recinto circundante do estádio.

No caso das claque do Sporting CP, partem do Estádio Alvalade XXI pelo interior de Telheiras, seguidamente entram na Avenida Norton de Matos, até às

imediações do estádio do SLB, e já no fim passam debaixo da mesma e entram no 1º portão de estacionamento do recinto.

É importante salientar que os percursos das claques, por razões de segurança, não é sempre exatamente o mesmo, sofrendo sempre pequenas alterações.

Durante todo o percurso os adeptos adversários são escoltados por *spotters* da PSP, num dispositivo denominado de caixa de segurança, impedindo assim possíveis distúrbios da ordem pública, provocados por confrontos entre adeptos de equipas rivais. A Cruz Vermelha de Portugal, acompanha todo o percurso prestando serviço pré-hospitalar.



Figura 20 - Adeptos do FCP aguardam processo de revista - Zona 1 – foto: O Autor

Os adeptos adversários ficam agrupados na zona 1 (ver figura 14). A partir daqui são separados em grupos reduzidos e encaminhados faseadamente para a zona 2. Nesta zona é procedida a revista exaustiva e individual de todos os elementos, através de 8 “vulcões” (ver figura 21).

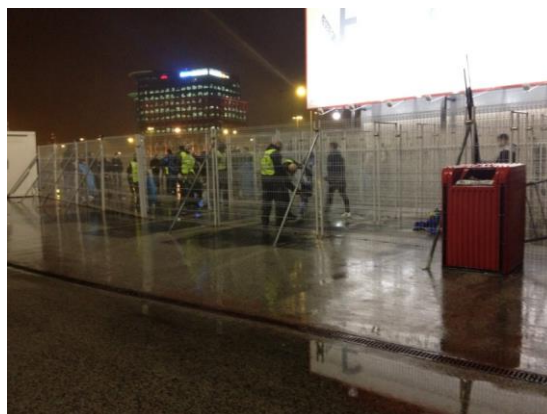


Figura 21 - Processo de revista de adeptos do FCP nos vulcões – foto: O Autor

Após a revista, os adeptos são encaminhados para a zona 3 (ver figura 14) e introduzidos no estádio pela porta 24. Esta entrada é também ela faseada, e para proceder à passagem de cada série de adeptos adversários de forma segura e sem incidentes, a PSP procede ao corte da circulação, momentâneo, dos adeptos da casa.



Figura 22 - Entrada "escortada" dos adeptos do FCP na porta 24 – foto: O autor

6.2 Sporting Clube de Portugal

O Sporting Clube de Portugal, é um dos clubes mais titulados e com mais simpatizantes do desporto português. Foi fundado em 1 de julho de 1906, e destaca-se, para além do futebol, por ter um dos mais ricos palmarés mundial, a nível das modalidades amadoras. Conta ainda com diversos medalhados olímpicos na sua história.

6.2.1 Observação

Para uma melhor perceção da aplicação prática dos dispositivos de segurança no terreno, foram observados alguns jogos no Estádio Alvalade XXI, a saber:

- Sporting CP – SL Benfica – 16-avos de final da Taça de Portugal
- Sporting CP – Bayer Leverkusen – 1ª mão 16-avos-final da *UEFA Europa League*
- Sporting CP – SL Benfica - 25ª jornada da Liga NOS

Os dois jogos observados frente ao grande rival, foram jogos em que se registaram verdadeiras enchentes lotando por completo o estádio de Alvalade.

Neste cenário, a eficácia dos dispositivos de segurança é um ponto vital para o sucesso do evento, sem incidentes.

No jogo correspondente à Taça de Portugal, foram observadas algumas anormalidades no processo de entrada dos adeptos da casa em algumas portas do estádio, com o sistema de validação de bilhetes (torniquetes) a não conseguir efetuar a leitura de todas as entradas no estádio. Segundo informação recolhida junto a fonte da segurança do SCP, foram registadas cerca de 38.000 entradas, quando a capacidade do estádio ronda os 45 mil.

A demora na entrada, e conseqüente descontentamento dos adeptos, motivou uma intervenção do corpo de intervenção da PSP, nas arquibancadas do estádio, para conter qualquer tipo de incidente.

Na coreografia realizada pelas claques leoninas, no início do jogo, registaram-se pequenos focos de incêndio, devido à utilização de material pirotécnico, sendo prontamente solucionados pelo corpo dos Bombeiros Lisbonenses destacados para o jogo.

É importante salientar que este jogo ocorreu poucos dias após os terríveis atentados de Paris, levando as autoridades a reforçar as medidas de segurança contra uma possível ameaça terrorista. O estádio de Alvalade foi alvo de exaustivas, e minuciosas, revistas nos dias anteriores, e na manhã do dia de jogo, não sendo detetada qualquer anormalidade.

No jogo Sporting CP- Bayer Leverkusen, para a *UEFA Europa League*, registou-se um ambiente calmo e tranquilo, sem grandes motivos de tensão. O estádio estava muito longe da lotação esgotada, cerca de 25 mil espectadores, sendo o único incidente a registar, uma queda, e posterior deslocação a uma unidade hospitalar, de um adepto alemão, quando tentava tirar uma fotografia numa posição mais instável.

No jogo a contar para a Liga NOS, numa altura em que estava em disputa o 1º lugar da competição, o *derby* lisboeta foi disputado sob grande rivalidade, mas desta feita uma rivalidade saudável, em que apesar do resultado desfavorável à equipa da casa, não foram registados grandes incidentes, apenas algumas detenções de adeptos sportinguistas mais exaltados.



Figura 23 - Área circundante Estádio Alvalade XXI – foto: Google Earth

6.2.2 Dispositivo de chegada de adeptos adversários

A chegada dos adeptos/claques adversários ao Estádio Alvalade XXI, nomeadamente nos jogos grandes (de risco elevado) é realizada por um itinerário previamente estabelecido. No caso das claques do FC Porto, os autocarros são dirigidos diretamente para junto do Instituto Ricardo Jorge, sendo aí formada um caixa de segurança.

No caso dos adeptos/claques do SL Benfica, saem do recinto do estádio passando por baixo da Avenida Norton de Matos, seguidamente percorrem a mesma em direção a Telheiras, até ao Instituto Ricardo Jorge.

Durante esse percurso os adeptos são escoltados por *spotters* da PSP, num dispositivo denominado por caixa de segurança, por forma a evitar alterações da ordem pública. Esse percurso é também acompanhado por elementos da

Cruz Vermelha de Portugal, que prestam cuidados pré-hospitalares, caso seja necessário.

Na aproximação ao estádio os adeptos, ficam retidos pelas forças de segurança na Zona 1 junto ao Instituto Ricardo Jorge (ver figura 15). A partir dessa zona, são separados em grupos menores, e encaminhados para a zona 2 (ver figura 15). Posteriormente são introduzidos no estádio pela porta 1, zona 3 (ver figura 15).



Figura 24 - Adeptos do SLB aguardam junto ao Instituto Ricardo Jorge – foto: O Autor

Os diversos grupos de adeptos divididos pelas forças de segurança, nunca coincidem nas zonas 2 e 3. Apenas quando o grupo presente na zona 2 tem ordem para avançar para a zona 3 é que é enviado um novo grupo para a zona 2.



Figura 25 - Adeptos SLB aguardam em posição intermédia – foto: O Autor

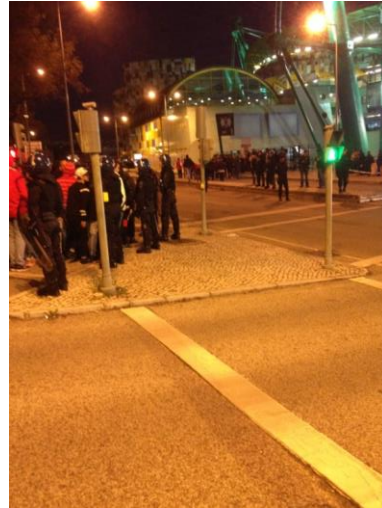


Figura 26 - Adeptos do SLB antes de serem conduzidos à porta 1 – foto: O Autor

Este processo permite que não exista uma pressão excessiva dos adeptos junto da porta 1 do estádio, que dá acesso à bancada destinada aos adeptos visitantes.



Figura 27 - Adeptos SLB na entrada da porta 1 – foto: O autor

6.3 Análise Comparativa

Efetuada uma análise comparativa aos modelos postos em prática na organização dos jogos realizados em ambos os estádios, após observação *in loco*, recolha de informação e entrevista a alguns responsáveis intervenientes em todo este processo, foi possível observar que os modelos são muito

semelhantes, pois são executados pelas equipas da PSP, Bombeiros Lisbonenses e Proteção Civil.

6.3.1 Plano de Emergência Interna

Respeitando o exigido pelas instituições nacionais e internacionais, conforme é referido no ponto 2.2.4, ambos os clubes apresentam um plano de emergência interno em conformidade com a regulamentação.

No caso do SLB, o Plano de Emergência Interno faz parte integrante das medidas de Autoproteção, juntamente com os Registos de Segurança e o Plano de Prevenção.

O PEI do SLB destaca-se pela explicação detalhada de todas as normativas e comportamentos a ter em cada situação. Distingue, por exemplo, o comportamento perante uma determinada situação a ter durante os dias de jogos (com um maior número de meios) e a resposta em dias que não se realizam jogos (com um número de meios inferior).

O Plano de Emergência Interna do SCP apresenta explicações de forma mais simplificada, mas eficaz, sobre a resposta a ter em cada situação, desde ataques às comitivas das equipas, passando por danos estruturais, até sismos e outras catástrofes naturais.

6.3.2 Estrutura Interna

Tanto o SCP como o SLB, apresentam equipas totalmente dedicadas, em exclusivo, à preparação de jogos, e conseqüentemente, a aspetos relacionados com a segurança dos mesmos, estando em permanente contacto com as forças de segurança. “Toda esta operação é planeada em conjunto com as forças de segurança sendo o fluxo de informação permanente em ambos os sentidos com as autoridades” afirma Rui Pereira, diretor de segurança do SLB.

Este trabalho de preparação permite que o processo adotado em Portugal seja “um modelo de excelência que está atualmente a ser referenciado como exemplo a seguir em todo o mundo”, segundo Vasco Santos, diretor de segurança do SCP.

6.3.3 Gestão do Evento

Para proceder de forma eficiente à gestão de multidões, a estrutura referida no ponto anterior, tem à sua disposição um conjunto de meios, tanto tecnológicos como humanos, altamente preparados para fazer face a qualquer eventualidade.

Ambos os clubes possuem uma sala de controlo, onde é possível reunir as principais entidades, sendo assim possível controlar tudo o que se passa dentro e ao redor do estádio, através de circuito CCTV; bem como coordenar os respetivos efetivos para ocorrerem a qualquer eventualidade, a partir duma posição estratégica no estádio.

Desta forma é possível, caso haja algum desacato nas bancadas do estádio, sinalizá-lo a partir da sala de controlo e transmitir a informação aos ARD's e forças de segurança mais próximos para sanar o problema.

Da mesma forma é possível ativar a equipa mais próxima dos Bombeiros Lisbonenses para a prestação de cuidados pré-hospitalares, caso seja necessário.

Outro problema recorrente nos jogos com grande afluência, é a acumulação de lixo no exterior dos estádios, com especial preocupação para as garrafas de vidro, que podem ser utilizadas como “armas de arremesso” em caso de incidentes entre adeptos, ou entre adeptos e as forças de segurança (vide o sucedido nos festejos do título do SLB na rotunda Marquês de Pombal, em 2015). É, portanto, fundamental que todo o lixo acumulado seja removido antes do final da partida, cabendo ao Serviço Municipal de Proteção Civil, agilizar esse processo com os serviços respetivos das juntas de freguesia.

6.3.4 Acessibilidades

Ambos os estádios, devido às suas localizações, estão cercados por eixos rodoviários, e ferroviários no caso do Alvalade XXI, isto provoca constrangimentos a nível de cortes de trânsito, obrigando à articulação com a divisão de trânsito da PSP, mas também uma entrada nos estádios de forma desequilibrada dos adeptos.

No estádio do SLB, 70% do público acede ao recinto pelo lado do CC Colombo, e no Alvalade XXI a maioria do público acorre ao estádio pelo lado da Estação de Metro do Campo Grande.

- Entrada no Estádio

No estádio Alvalade XXI, devido à não existência de um anel exterior que circunde e delimite o perímetro do estádio, há a necessidade de proceder a cortes de trânsito durante todo o processo de entrada das claques adversárias. Já no estádio do Sport Lisboa e Benfica, as claques adversárias ficam colocadas já dentro do perímetro circundante do estádio enquanto aguardam o processo de revista, antes de serem introduzidos nas bancadas correspondentes.

- Saída do estádio

No decorrer das observações, foi facilmente verificado que o processo de saída do estádio Alvalade XXI, é bem mais rápido do que do Estádio do Sport Lisboa e Benfica, não que o modelo aplicado varie muito em ambos os estádios, mas o facto de não existir um anel circundante a delimitar o Alvalade XXI, e o do SLB até tem mais portas (32 vs 4), permite que o público seja escoada das imediações do recinto muito mais rápido, permitindo, quando é caso disso, a saída da claque a adversária mais rapidamente.

7.Considerações Finais

7.1 Conclusões

“A gestão de multidões em eventos desportivos, nomeadamente ao nível dos jogos de futebol profissional, considerados de risco elevado, é conduzida de forma eficaz?”.

Esta foi a pergunta de partida que deu início a este estudo, que se propôs a traçar um retrato do processo de gestão de multidões nos mais apaixonantes jogos de futebol realizados nos principais estádios lisboetas, estádio do Sport Lisboa e Benfica, e Alvalade XXI.

Com a realização deste trabalho foi possível observar a par e passo a preparação do dispositivo para um jogo categorizado como sendo de risco elevado, desde as reuniões preparatórias, de todas as entidades envolvidas, ao posicionamento do dispositivo horas antes do começo do evento, o acompanhamento das claques adversárias, as ações necessárias no decorrer do jogo, até à saída dos adeptos e desmobilização do dispositivo.

Foi possível concluir que este processo, pelo menos ao nível dos jogos dos principais clubes do país, é altamente metódico e está profundamente agilizado entre todas as entidades envolvidas (Clubes, Forças de Segurança, Bombeiros, Proteção Civil). Gostaria de destacar o papel fundamental da Polícia de Segurança Pública neste processo, devido ao trabalho contínuo de análise e tratamento de informação, por forma a ter a resposta mais adequada, a cada contexto específico. As forças de segurança, não se limitam, neste caso específico, a aplicar a lei de forma “pura e dura”, mas sim a ajustá-la de forma equilibrada e ponderada às circunstâncias de cada jogo.

A falta de departamentos destinados especificamente à vertente da segurança em todos os clubes/SAD, é um dos aspetos a melhorar no processo de gestão de multidões, apontado por Rui Pereira, diretor de segurança do SLB, “Praticamente, apenas os “3 grandes” têm pessoal dedicado e competente para o exercício em exclusivo destas funções”.

Noutro âmbito, um dos aspetos a melhorar em todo este processo, segundo o arquiteto Pedro Barbosa, do SMPC, é a “clarificação legislativa do papel da proteção civil nos grandes eventos desportivos”. Ideia essa reforçada pelo Comandante Jorge Fernandes, dos Bombeiros Lisbonenses, que considera essencial “cada agente de proteção civil saber cabalmente qual o papel que tem de desempenhar”, bem como uma maior aposta na formação de quadros através de “treinos conjuntos de forma a que cada agente consiga desenvolver o seu trabalho, podendo desta forma aquilatar das potencialidades e debilidades, para desta forma pode ser cada vez melhor”.

No decurso deste estudo foi possível concluir, que sendo o futebol uma área que envolve tantas emoções, diversos fatores podem influenciar o comportamento dos adeptos e conseqüentemente criar mais dificuldades no processo de gestão de multidões. Desde a classificação no campeonato, as declarações de dirigentes ou treinadores, a nomeação de determinado árbitro, conflitos de adeptos em jogos anteriores. Todos estes fatores têm de ser tidos em conta na fase do planeamento, a fim de não só evitar incidentes que perturbem a realização do evento, e ponham em causa a segurança de todos os seus intervenientes, bem como mitigar a perturbação da rotina quotidiana de todas as pessoas que têm de circular nas áreas circundantes dos recintos, mas que não participam no evento.

Estas são as duas maiores preocupações das entidades envolvidas no processo de gestão de multidões, por um lado garantir que todos os participantes disfrutem do espetáculo para o qual compraram bilhete e têm a expectativa de ver do início ao fim sem perturbações em segurança, e por outro permitir que as rotinas de todos sejam o mínimo possível afetadas.

A partir destas conclusões é possível validar a Hipótese 1, formulada para este estudo: *“Os eventos desportivos, mais concretamente os jogos de futebol profissional, são por si só, foco potencial de desordem pública”*.

Sequencialmente surge a Hipótese 2: *“As falhas nos dispositivos de gestão de multidões potenciam a ocorrência de confrontos e incidentes envolvendo adeptos”*. E para efetuar a validação desta hipótese, aponto um episódio pela positiva que foi indicado como marcante por todas as entidades consultadas no

decorrer desta investigação. Trata-se da situação da evacuação do Estádio do Sport Lisboa e Benfica, devido a problemas na cobertura do recinto. Esta situação é um bom exemplo, em como um entendimento exemplar entre todas as entidades envolvidas, e uma eficaz gestão de informação transmitida para o público, evitou uma situação de pânico de massas e possibilitou a saída segura e de forma ordeira de todos os adeptos.

A 3ª Hipótese, pretende aferir se *“Os principais clubes portugueses (SLB e SCP) possuem dispositivos para proceder a uma eficaz gestão de multidões”*. Foi possível aferir no decurso das observações realizadas aos jogos em ambos os estádios, que apesar de algumas diferenças de organização, são estruturas modernas e perfeitamente validadas, e vistoriadas regularmente, pela UEFA, construídas a quando da realização do EURO 2004, e que possuem as condições adequadas para que as autoridades em questão exerçam as suas funções. Uma vez que os clubes contratam e contam com o apoio entidades exteriores (PSP, Bombeiros, Proteção Civil) para garantirem e assumirem a responsabilidades nas questões relativas à segurança dos intervenientes, são estas instituições que têm de ter os meios adequados para fazer face às exigências de um dispositivo de gestão de multidões.

No caso específico do SLB, o diretor de segurança Rui Pereira, destaca o recente investimento que foi feito no estádio da Luz em equipamentos de segurança *“como o foram a recente substituição integral do sistema de CCTV (antes analógico, agora digital); o sistema de bloqueio/desbloqueio centralizado de portas e gradões; a implementação de PAS (Sistema Sonoro de Emergência) para o lado exterior do estádio; a implementação de um programa de DAE, com 19 equipamentos disponíveis; um sistema de controlo de acessos alicerçado em leitores de cartão de colaborador para aceder às várias áreas funcionais e técnicas, bem como aos elevadores do estádio, etc, etc...”*

No decurso da realização deste estudo foi possível observar que para além do trabalho indispensável que é feito nas componentes de *Safety* e *Security*, existe uma 3ª componente que começa a ser trabalhada pelos principais clubes portugueses, o *Service*. Esta componente incide, sobretudo, no fato de permitir ao espetador desfrutar do espetáculo para o qual comprou antecipadamente

bilhete da forma mais confortável, e com menos perturbações possíveis. Rui Pereira, diretor de segurança do SLB, destaca este aspeto como “sendo fundamental para fortalecer a relação dos agentes de segurança com cada espetador, de forma a que este último se sinta verdadeiramente satisfeito com o serviço proporcionado”. Acrescentando ainda que “obviamente que existem um vasto conjunto de obrigações legais que o espectador de futebol se vê obrigado a cumprir, mas com “bom trato” entende-o bem melhor, com todas as repercussões positivas para todo o ambiente”.

Para finalizar, e numa visão mais pessoal do estudo da temática apresentada, a minha perceção após observar vários jogos de risco elevado, depois de falar com vários intervenientes no processo em causa, e como frequentador assíduo de estádios de futebol, é que embora hajam aspetos a melhorar e corrigir, o modelo de gestão de multidões seguido em Portugal, e neste caso concreto em Lisboa, está perfeitamente delineado e organizado, sendo dessa forma um modelo eficiente na prevenção de incidentes tanto dentro como fora dos estádios, permitindo assim responder de forma afirmativa à pergunta de partida deste estudo.

7.2 Limitações da investigação

Nem sempre o que é antecipadamente planeado, é possível colocar em prática, pois surgem sempre contratempos e situações que não são possíveis controlar da parte do investigador. Pese embora, não tenham sido impeditivas de proceder à realização do trabalho, é importante mencionar um conjunto de circunstâncias e procedimentos que não forma de encontro ao que estava planeado.

Numa 1^o fase, não foi possível realizar entrevistas exploratórias com os representantes das entidades definidas, devido aos múltiplos compromissos profissionais dos mesmos, sendo assim definido que apenas se procederia à entrevista semi-diretiva, integrada na fase de observação do projeto.

Na fase das entrevistas propriamente dita, surgiram algumas limitações, como respostas tardias por parte dos entrevistados, a impossibilidade de entrevistas presenciais na maioria dos casos, e ainda um pedido de confidencialidade nas

respostas de uma das entidades, que acabou por condicionar a exploração de toda a informação recolhida.

Durante a observação dos jogos, por questões de segurança e limite de número de entidades presentes, não foi possível estar presente no decorrer dos jogos na sala de controlo.

7.3 Linhas orientadoras para investigações futuras

Após ser traçado um retrato geral do processo de gestão de multidões em Portugal, seria interessante alargar a investigação a outros modelos na Europa, e porque não no mundo, traçando semelhanças e diferenças entre os diversos modelos.

Várias fontes contatadas durante o decorrer da investigação, indicaram que devido ao sucesso do modelo português, o mesmo começa a ser seguido em alguns países, havendo desde já tentativas de o implementar adaptado à respetiva realidade, nomeadamente em Inglaterra.

Referências Bibliográficas

- Anon, (1990). Sir Norman Chester Center for Football. Fact Sheet Number 2: Football Stadia After Taylor. , (2), pp.1–24.
- Appenzeller, H. (2004) *Risk Management in Sport: issues and strategies*. 2ªEd. North Carolina, Carolina Academica Press
- Adang, O. & Brown E. (2008) *Policing Football in Europe – Experiences from peer review evaluation teams*, Police Academy of the Netherlands, Apeldoorn
- Adang,O. & Cuvelier, C.(2001) *Policing Euro 2000 – International police co-operation, information management and police deployment*, Police Academy of the Netherlands, Apeldoorn
- Beni, M. (1998). *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Senac
- Correia, A. (2001). Marketing Estratégico de Eventos Desportivos. In Correia, A. Ferrand, A. , Monteiro, E. ,Madaíl, G. , Mata, J. et al. Seminário Internacional: Gestão de eventos desportivos. Lisboa, Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Cunha, LM. (2007) *Os Espaços do Desporto – Uma Gestão para o Desenvolvimento Humano*, Coimbra, Almedina
- Fernandes, C. (2012). Organização de Eventos: Gestão de Riscos. Disponível em:<http://cristinafernandes.com/2012/09/organizacao-de-eventos-gestao-de-riscos/> [consult.em 06/01/2016]
- Hall, S. A.(2010)An Examination of British Sport Security Strategies, Legislation, and Risk Management Practices. Sport Journal, v.13, n.2, p.3-3.
- ISO 31000:2009. Risk Management – Principles and guidelines
- Madensen, T. & Eck, J. (2008) *Spectator Violence in Stadiums*, Washington, D.C, U.S Department of Justice
- Marivoet,S. (1992) Violência nos espéctaculos de futebol, *Sociologia-Problemas e Práticas*,12,137-153

- Marivoet, S. (2009) Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – O caso português no contexto europeu, *Configurações*, 5/6, 279-299
- Martin, V. (2008). *Manual Prático de Eventos*, São Paulo, Atlas
- Oxford Dictionaries – Language matters. (2015) *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <http://www.oxforddictionaries.com/definition/learner/hooligan> [Consult. em 3 de Novembro 2015]
- Piers, E. (2014). Lima 1964: The world's worst stadium disaster. Lima: BBC Sport. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/magazine-27540668> [consultado em: 11/01/2016]
- Poit, D. (2006) *Organização de Eventos Esportivos (4ªed.)* São Paulo, Phorte Editora
- Quivy, R. & Campenhoudt, LV. (2013) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 6ªEd. Paris, Gradiva
- SAGIES – Segurança, Higiene e Segurança no Trabalho. (2011). *Medidas de Autoprotecção – SLB Estádio*. SAGIES
- Sarmiento, J.P., Pereira, C. & Alberto, C., 2011. O EVENTO DESPORTIVO COMO FACTOR DE DESENVOLVIMENTO EI evento deportivo como factor de desarrollo. , 1, pp.1–14.
- Shone, A. & Parry, B. (2010). *Successful Event Management: A Practical Handbook*. S.d.: Cengage Learning College
- Stott, C. (2006). *Crowd Dynamics, Policing and Hooliganism at Euro 2004*, UK Data Service, Consult. 1 de Novembro 2015, SN: 5300, <http://dx.doi.org/10.5255/UKDA-SN-5300-1>
- Vieira, J. M. (2015). *Eventos e Turismo – Planeamento e Organização – Da Teoria à prática*. Lisboa: Edições Sílabo, Lda
- N/D. 1999. *The Event Safety Guide*, Norwich, Health & Safety Executive
- N/D. 2007. *Crowd Control at Venues and Events*, Melbourn, Worksafe Victoria

N/D.2010 FIFA Stadium Safety and Security Regulations, FIFA

N/D.2006. UEFA Safety and Security Regulations, UEFA

N/D.2014. Plano de Emergência Interna – Medidas de Autoproteção - Estádio José Alvalade.

N/D.2015. Regulamento das Competições Organizadas pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional, LPFP

Decreto-Lei nº39/2009. D.R. I Série. 146 [30-07-09] 40876.

Decreto-Lei nº216/2012. D.R. I Série. 196[09-10-12] 5593

Decreto-Lei nº52/2013. D.R. I Série. 75[17-04-13] 2239

Sites:

BBC (2012). Hillsborough disaster and its aftermath. Londres: BBC. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/uk-19545126> [consultado em: 11/01/2016]

Doward, J. (2012). Egyptian police incited massacre at stadium, say angry footballers. Londres: The Guardian. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/2012/feb/05/egypt-football-massacre-police-arab-spring> [consultado em: 12/01/2016]

Jornal de Notícias (2015). Violentos confrontos acabam com a festa do Benfica no Marquês de Pombal. Porto: Jornal de Notícias. Disponível em: http://www.jn.pt/PaginalInicial/Desporto/Interior.aspx?content_id=4573615 [consultado em: 10/01/2016]

Jornal Record (2011), Eduardo Barroso: «Timing da “caixa” não era adequado». Lisboa: Jornal Record. Disponível em: <http://www.record.xl.pt/futebol/futebol-nacional/liga-nos/sporting/detalhe/eduardo-barroso-timing-da-caixa-nao-era-adequado-729179.html> [consultado em: 08/01/2016]

Jornal Record (2011). Governo vai trabalhar na revisão da lei que combate a violência. Lisboa: Jornal Record. Disponível em: <http://www.record.xl.pt/futebol/detalhe/governo-vai-trabalhar-na-revisao-da-lei-que-combate-violencia-685615.html> [consultado em:21/01/2016]

- Jornal Record (2015). Heysel Mostrou a Morte em Directo. Lisboa: Jornal Record. Disponível em:
<http://www.record.xl.pt/internacional/paises/inglaterra/detalhe/heysel-mostrou-morte-em-direto-951494.html> [consultado em: 10/01/2016]
- Maisfutebol (2016). Sporting instala caixa de segurança para cumprir regulamento da liga. Lisboa: Maisfutebol. Disponível em:
<http://www.maisfutebol.iol.pt/liga-campeoes/caixa-seguranca/sporting-instala-caixa-de-seguranca-para-cumprir-regulamento-da-liga> [consultado em: 11/06/2016]
- Site PSP (2016). Quem Somos. Lisboa: PSP. Disponível em:
<http://www.psp.pt/Pages/apsp/quemsomos.aspx?menu=1&submenu=1>
[consultado em: 30/07/2016]
- Site Sporting CP(2016). Grupos Organizados de Adeptos – O Apoio Incondicional. Lisboa: Site SCP. Disponível em:
<http://www.sporting.pt/pt/clube/universo-scp/grupos-organizados-de-adeptos> [consultado em 26/02/2016]
- Site UOL (2013). Mídia estimula violência no futebol, diz socióloga da Unicamp. São Paulo: UOL. Disponível em: <http://noticias.bol.uol.com.br/ultimas-noticias/esporte/2013/12/13/midia-estimula-violencia-no-futebol-diz-sociologa-da-unicamp.htm> [consultado em: 07/05/2016]
- Sousa, L. (2015). Security e Safety – Diferenças e Pontos em comum. Safemed. Disponível em: <http://blog.safemed.pt/security-e-safety-diferencas-e-pontos-em-comum/>
- Weaver, M. & Gabbatt, A.(2012). Egypt: Port Said football disaster. Londres: The Guardian. Disponível em: <http://www.theguardian.com/world/middle-east-live/2012/feb/02/egypt-port-said-football-dsaster-live-updates>
[consultado em:12/01/2016]

Anexos

Índice de anexos

Guião de Entrevistas	II
Entrevistas SLB/ SCP	III
Entrevistas Entidades (PSP, Bombeiros Lisbonenses, Proteção Civil)	IV
Respostas ao Guião de Entrevistas	V
Arq. Pedro Barbosa – Serviço Municipal Proteção Civil de Lisboa.....	V
Comandante Jorge Manuel Fernandes – BV Lisbonenses.....	VI
Comandante Pedro Pinho, Polícia de Segurança Pública	VIII
Vasco Santos, Director de Segurança do SCP.....	IX
Rui Pereira, Director de Segurança do SLB	X

Guião de Entrevistas

Este Guião de Entrevistas é elaborado no âmbito de um estudo científico, que tem por objetivo averiguar se a gestão de multidões em eventos desportivos, nomeadamente em jogos de futebol profissional considerados de alto risco, é realizada de forma eficaz, mitigando a ocorrência de episódios que perturbem a ordem pública.

Para esse efeito serão entrevistadas as principais entidades envolvidas no processo de gestão de multidões dos jogos de futebol profissional, a realizar nos estádios do Sport Lisboa e Benfica e do Sporting Clube de Portugal, a saber: Responsável/Diretor de Segurança do SLB; Responsável/Diretor de Segurança do SCP; Representante da PSP; Representante dos Bombeiros Lisbonenses; e Representante do Serviço Municipal da Proteção Civil de Lisboa.

O guião de entrevistas será dividido em duas partes, um conjunto de perguntas direcionado aos responsáveis de segurança de SL Benfica e Sporting CP, e um conjunto de perguntas direcionado aos representantes das restantes entidades (PSP, Bombeiros e Proteção Civil).

Entrevistas SLB/ SCP

- 1- Descreva, sucintamente, o processo de preparação do dispositivo de segurança para um jogo de futebol da profissional (Liga NOS/Competições UEFA).
 - 2- Qual o tempo de preparação médio de planeamento do dispositivo de segurança para um jogo? E se for para um jogo de “alto risco”?
 - 3- Quais as principais diferenças dos dispositivos de segurança postos em prática nos jogos de “baixo risco” e os jogos de “alto risco”?
 - 4- Qual a principal dificuldade encontrada no processo de gestão de multidões?
 - 5- Quais os meios à disposição do clube relativamente ao processo de gestão de multidões durante os jogos? Considera-os adequados e suficientes?
 - 6- Qual o peso do investimento na componente da segurança, em relação ao orçamento global da organização?
 - 7- Quais considera serem as principais condições a melhorar no processo de gestão de multidões em Portugal?
 - 8- Indique um episódio marcante que vivenciou no processo de gestão de multidões.
-

Entrevistas Entidades (PSP, Bombeiros Lisbonenses, Proteção Civil)

- 1- Qual o papel, e a importância, da PSP / Bombeiros Lisbonenses/Proteção Civil, no processo de gestão de multidões de um jogo de futebol profissional?
 - 2- Qual a principal dificuldade encontrada no processo de gestão de multidões?
 - 3- Quais são os critérios tidos em conta para a categorização do nível de risco de um determinado jogo? Quem é responsável por essa categorização?
 - 4- Quais as principais diferenças dos dispositivos de segurança postos em prática nos jogos de “baixo risco” e os jogos de “alto risco”?
 - 5- Como é definido o dispositivo de acompanhamentos das claque adversárias, a fim de mitigar a perturbação da ordem pública? (PSP)
 - 6- Como funciona a articulação entre as diversas entidades envolvidas na organização do jogo? (Organizador, PSP, Bombeiros, Proteção Civil)
 - 7- Quais considera serem as principais condições a melhorar no processo de gestão de multidões em Portugal?
 - 8- Indique um episódio marcante que vivenciou no processo de gestão de multidões.
-

Respostas ao Guião de Entrevistas

Arq. Pedro Barbosa – Serviço Municipal Proteção Civil de Lisboa

1 - O principal objetivo do SMPC deverá ser, em caso de necessidade e conforme previsto nos Planos de Emergência Internos, o de garantir uma correta articulação entre todas as entidades com o objetivo de que a resposta aos incidentes seja a mais adequada a cada caso.

2 - Nos estádios existe quanto a mim uma grande falha relacionada com a falta de legislação que enquadre e defina a missão da Proteção Civil no jogo. O evento Futebol é apenas gerido sobre o ponto de vista das forças policiais

3 - As forças policiais classificam os jogos de acordo com os critérios definidos. Não é consultada a Proteção Civil.

4 - Apenas são verificadas diferenças na quantidade de recursos humanos e nos procedimentos internos.

5 - Em Lisboa o SMPC funciona em dias de jogo nos estádios do Benfica e Sporting. No SLB são desenvolvidas reuniões de preparação que contribuem, em muito para o sucesso da operação. No Sporting desconheço se existem, não havendo qualquer enquadramento da Proteção Civil na organização de segurança.

6 - Clarificação legislativa do papel da proteção civil nos grandes eventos desportivos.

7 - Evacuação do estádio do SLB devido a questões técnicas na cobertura provocadas pelo mau tempo.

1 - O papel que o Corpo de Bombeiros lisbonenses desempenha no processo de gestão de multidões, tem se revelado de extrema importância. Tal facto fica a dever se, em parte a excelente articulação que existe entre os responsáveis da segurança nos estádios e os agentes de autoridade. Efetivamente outra situação que em muito contribui para tal, deve se as rotinas e tempos de chegada as ocorrências, que são excelentes, não dando por isso motivo a grandes conflitos no controlo das situações.

2 - A principal dificuldade fica a dever se ao facto dos espectadores, perderem por momentos um pouco da noção de realidade, extravasando por vezes comportamentos e atitudes, no calor do momento.

3 - Os critérios tidos em conta são, o numero provável de espectadores, os conflitos existente entre as claques do clubes em causa. O responsável pela categorização do nível de risco é a PSP em conjunto com a liga de clubes.

4 - Basicamente resume se ao nível da segurança individual dos elementos que participam no dispositivo, depois o numero de efetivos, onde se incluem os médicos e enfermeiros a serem escalados para o efeito.

5 - A articulação entre as entidades é muito boa, no entanto por vezes existiram (existem) problemas de articulação com a Proteção Civil Municipal, na minha opinião obviamente. Esta situação decorre do facto da P.C.M., não ter ainda interiorizado o papel que desempenha nos inventos, uma vez que pretende Comanda-los, geri-los, quando deveria exclusivamente dar todo o apoio necessário e fornecer recursos, para quem de facto tem a responsabilidade de coordenar a operação o consiga executar, de forma a que os objetivos delineados sejam alcançados.

6 - O que considero essencial melhorar é cada agente de proteção civil saber cabalmente qual o papel que tem de desempenhar, para além disto, o planeamento partilhado das operações onde existam vários agentes de PC. Treinos conjuntos de forma a que cada agente consiga desenvolver o seu

trabalho, podendo desta forma aquilatar das potencialidades e debilidades, para desta forma pode ser cada vez melhor.

7 - Já vivenciamos vários episódios, desde paragens cardiorrespiratórias nos estádios, situação do arrancamento da cobertura do estádio, acontecimentos em que houve necessidade de cargas policiais, acompanhamento de claques...

Comandante Pedro Pinho, Polícia de Segurança Pública

1- Qual o papel, e a importância, da PSP, no processo de gestão de multidões de um jogo de futebol profissional?

CONFIDENCIAL

2- Qual a principal dificuldade encontrada no processo de gestão de multidões?

CONFIDENCIAL

3- Quais são os critérios tidos em conta para a categorização do nível de risco de um determinado jogo? Quem é responsável por essa categorização?

CONFIDENCIAL

4- Quais as principais diferenças dos dispositivos de segurança postos em prática nos jogos de “baixo risco” e os jogos de “alto risco”?

CONFIDENCIAL

5- Como é definido o dispositivo de acompanhamentos das claques adversárias, a fim de mitigar a perturbação da ordem pública?

CONFIDENCIAL

6- Como funciona a articulação entre as diversas entidades envolvidas na organização do jogo? (Organizador, PSP, Bombeiros, Proteção Civil)

CONFIDENCIAL

7- Quais considera serem as principais condições a melhorar no processo de gestão de multidões em Portugal?

CONFIDENCIAL

8- Indique um episódio marcante que vivenciou no processo de gestão de multidões.

CONFIDENCIAL

Vasco Santos, Director de Segurança do SCP

1 - 5 dias antes do jogo é realizado o briefing interno de organização de jogos e procede-se às requisições das forças e serviços de segurança de acordo com a classificação de risco. Nos jogos de risco elevado é realizada reunião de segurança com 3 a 4 dias de antecedência com a presença das forças e serviços de segurança. No dia do jogo é realizada reunião de organização da LPFP onde são conferidas as condições de segurança.

2 – Entre 5 a 8 dias.

3 - As diferenças prendem-se com o número do efectivo empenhado pelas forças e serviços de segurança, bem como o acompanhamento específico dos adeptos visitantes.

4 - Evitar a dispersão de adeptos violentos pela cidade.

5 - São adequados e suficientes. Os meios são os das forças e serviços de segurança em permanente comunicação com a Direcção de Segurança do Clube.

6 - 70%.

7 - O processo adoptado em Portugal é um modelo de excelência que está actualmente a ser referenciado como o exemplo a seguir em todo o mundo.

8 - A evacuação do Estádio da Luz na época de 2013/2014.

Rui Pereira, Director de Segurança do SLB

1 - Para cada jogo no nosso estádio (independentemente da competição ser de cariz nacional - Liga NOS, Taça de Portugal ou Taça da Liga – ou internacional . provas da UEFA), temos um conjunto de procedimentos de planeamento e conduta perfeitamente padronizados.

O processo é contínuo, iniciando-se desde que a data de cada jogo é oficialmente tornada pública por parte do organizador da competição, desde logo, com troca de informações com o adversário, no sentido de perceber qual o número de bilhetes que pretende e qual a estimativa de adeptos visitantes que se prevê virem ao nosso estádio.

Nesse sentido, os nossos visitantes poderão requisitar até 5% da lotação do estádio (3250 lugares) e, com base na previsão dos que realmente possam deslocar-se ao Estádio do SLB, assim adequamos o dispositivo de segurança para os receber, tentando que o serviço seja o melhor possível para os mesmos.

Se o efetivo previsto for considerável (superior a 300/400) normalmente operacionalizamos a área exclusiva de revista e tratamento para adeptos adversários, no sentido de evitar qualquer contato físico com adeptos do SLB. se assim não for, entrarão diretamente pela porta que dá acesso à bancada visitante.

Toda esta operação é planeada em conjunto com as Forças de Segurança, sendo que o fluxo de informação é permanente em ambos os sentidos com as autoridades.

Relativamente a todos os adeptos em geral, montamos um dispositivo de segurança, com recurso a baiamento, conhecido como o perímetro de segurança em redor do estádio, que coincide com o acesso ao anel pedonal envolvente, e que é fechado ao público normalmente cerca de 5 horas antes do início do desafio.

O acesso ao interior deste perímetro está condicionado a pessoal acreditado até 1h30 (ou 2 horas) antes do início do desafio (dependendo se é jogos de risco normal ou de risco elevado, respetivamente). A partir da abertura do perímetro, os ARD (monitorizados pela PSP) garantem o controlo de acessos ao seu interior através da visualização do título de acesso válido para o evento em causa (cartão/bilhete/convite/credencial).

Após este controlo, os espectadores circulam em redor do anel até chegarem à porta correspondente, onde serão revistados aleatoriamente (nas portas dos chamados “adeptos de risco”, esta revista tem carácter obrigatório), após o que validam o título no torniquete e acedem ao interior da bancada.

2 – É difícil mensurar o “tempo médio de planeamento” por jogo, dado tratar-se de um processo contínuo, dinâmico e que nunca termina (o tal fluxo de informações, quando as alterações assim o exigem, mantém-se até perto do início do jogo...)

No entanto, além da informação de base fornecida às entidades que conosco colaboram na Organização e Segurança de cada jogo, inicia-se cerca de 2 semanas antes e inclui normalmente os seguintes dados: fita do tempo; adeptos visitantes (nº de bilhetes/convites fornecidos; portas de acesso; setores da bancada; tratamento desde que chegam ao complexo até final do jogo; estacionamento de viaturas); local e nº parqueamentos de autocarros e organização de comboios de adeptos SLB; estimativa total de espectadores; se há ou não reunião de coordenação de segurança – normalmente só fazemos para jogos de risco elevado).

3 -

Risco Normal	Risco Elevado
Abertura de Portas 1h30 antes do início	Abertura de Portas 2h antes do início
Não há reunião de coordenação de segurança	Há sempre reunião de coordenação de segurança
Não há segregação entre adeptos para aceder ao interior do perímetro	Há ativação da área exclusiva para tratamento e revista de adeptos visitantes (fora do perímetro)
Operativas de ARD, Bombeiros e PSP “normais”	Há reforço de efetivos em todas as componentes para fazer face ao risco agravado

4 - Até há pouco tempo, a Segurança do futebol apenas trabalhava as componentes de “Safety” e de “Security”.

Paulatinamente, temos vindo (ARD e PSP), até em sintonia com diretivas da UEFA, a incluir a componente de “Service”, como sendo fundamental para fortalecer a relação dos agentes de segurança com cada espectador, de forma a que este último se sinta verdadeiramente satisfeito com o serviço proporcionado. Obviamente que existem um vasto conjunto de obrigações legais que o espectador de futebol se vê obrigado a cumprir, mas com “bom trato” entende-o bem melhor, com todas as repercussões positivas para todo o ambiente.

É este o permanente desafio que se coloca na gestão de multidões, muitas vezes, com elevados níveis de adrenalina e de emoção, que “bloqueiam” os comportamentos dos apaixonados adeptos de futebol. Nem sempre tal se consegue, com facilidade, razão pela qual, quando existe altercação da ordem, cabe às forças da autoridade repor a mesma. Esta premissa é válida nos jogos de futebol e em todas as restantes áreas da vida em sociedade.

5 - Os meios que o SLB tem ao seu dispor para gerir a segurança advém, desde logo, da sua própria estrutura organizacional, com uma Direção de Prevenção, Segurança e de Organização de Jogos, com 5 profissionais a trabalhar permanentemente. Esta estrutura “abarca” as componentes de:

- “Prevenção”, como a ação de evitar ou diminuir os riscos de acidentes ou incidentes. I.e., prevenir “por antecipação; à priori...”, numa ótica da Gestão da Prevenção em que toda a segurança é equacionada. Nesta componente, possuímos as valências de SHT, as Medidas de Autoproteção de cada instalação e Programa DAE (igualmente transversal a cada instalação do Grupo SLB).

- “Segurança Patrimonial” (Bens e Pessoas), com predominância para o conceito do Security;

- “Segurança e Organização de Jogos”, área de forte implantação no nosso Grupo, que engloba tanto o conceito de Safety (numa perspetiva preventiva e de coordenação de medidas com todas as entidades envolvidas na Segurança

de Eventos de grande dimensão), como o conceito do Security (igualmente imprescindível para o controlo do elevado número de espectadores em eventos desta natureza, com manifestações de comportamento, amiúdas vezes, “algo impróprio”).

Depois, em dias de jogo, temos a colaborar connosco um conjunto de entidades/instituições que são imprescindíveis para a organização de um evento no Estádio do SLB:

- Segurança Privada (vertente de Stewarding), prestada pela empresa Prosegur;
- Serviço de Policiamento, prestado pela 3ª Divisão Policial do COMETLIS/PSP;
- Serviço de Emergência Médica e de Contraincêndio, prestado pelos Bombeiros Voluntários Lisbonenses;

Sendo que ainda estão, normalmente, presentes na Sala de Controlo do Estádio, representantes do Serviço Municipal da Proteção Civil da CML e do Regimento de Sapadores Bombeiros, para o caso de alguma eventualidade implicar reforço de meios de emergência externos.

6 - Esse exercício não é fácil de ser feito, pois o investimento em segurança não é feito apenas através do recurso a contratação de valências atrás referidas (Stewarding, Policiamento e Emergência Médica/Contraincêndio em dias de jogos de Estádio), mas também de todos os inúmeros eventos dos quais somos promotores tanto no CFC, como nos nossos pavilhões (e até pavilhões de Lisboa “contratados” para fazerem de “casa” nos jogos caseiros de modalidades de pavilhão, em jogos de formação).

Além disto, temos todo um investimento em infraestruturas e equipamentos, alocados à Segurança, como o foram a recente substituição integral do sistema de CCTV (antes analógico, agora digital); o sistema de bloqueio/desbloqueio centralizado de portas e gradões; a implementação de PAS (Sistema Sonoro de Emergência) para o lado exterior do estádio; a implementação de um

programa de DAE, com 19 equipamentos disponíveis; um sistema de controlo de acessos alicerçado em leitores de cartão de colaborador para aceder às várias áreas funcionais e técnicas, bem como aos elevadores do estádio, etc, etc...

Diria antes que o valor global é elevado, mas quando comparado com o orçamento de todo o Grupo (a época passada, superou os 200M€), acaba por ser um valor residual.

7 - O Falande de eventos desportivos, acima de tudo, que os vários organizadores de competições (especialmente os do futebol – FPF e LPFP) passem a dedicar maior importância ao Safety e Security dos eventos pelos quais são responsáveis, à semelhança do que se passa nos países mais evoluídos da Europa.

Se assim for, os próprios promotores (SAD/Clubes) serão obrigados a deter um gabinete especificamente dedicado a esta área, com profissionais habilitados à legislação em vigor (praticamente, apenas os “3 grandes” têm pessoal dedicado e competente para o exercício exclusivo destas funções).

Quando e se tudo isto se concretizar (ainda estamos a “alguma” distância), o futebol espetáculo irá melhorar, com as pessoas/famílias a sentirem-se mais “seguras” e satisfeitas para assistirem ao “jogo ao vivo”.

Nessa altura, o processo de gestão de multidões estará muito próximo do ideal, algo que hoje não acontece.

8 - No sentido negativo, talvez alguns confrontos que se deram entre adeptos do SLB e do FCP no exterior do estádio (num jogo no estádio do SLB em 2010/11 e na final da Supertaça no Algarve em 2009/10). Outro episódio grave, que não é possível esquecer, foi o incêndio generalizado no interior da bancada visitante, provocado propositadamente pelos adeptos do SCP em jogo de 2011/12), com elevados custos de reparação.

Positivamente, recordo a inesquecível final da UCL 2013/14 realizada em Lisboa (e no estádio do SLB), com elevado nível de exigência e profissionalismo, com a envolvimento direta (e preparativos durante toda a

época) da UEFA, FPF, CML, SLB e outras entidades civis e diversas autoridades.

O resultado alcançado rocou a excelência, por todos elogiado, e constitui um grande orgulho para o SLB e para a direção que dirijo, por ter estado francamente envolvida e colaborado para o excelente resultado que foi entregue por Portugal.